

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
UNESP

Amanda Gamba

**Um olhar para a educação autônoma Zapatista**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Arte-teatro.

São Paulo  
2022

Amanda Gamba

**Um olhar para a educação autônoma Zapatista**

São Paulo  
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

G187o Gamba, Amanda, 1999-  
Um olhar para a educação zapatista / Amanda Gamba. - São Paulo, 2023.  
45 f.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Torres Machado  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro)  
– Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Artes e sociedade. 2. Sociologia educacional. 3. Guerrilhas.  
4. Índios - Educação. I. Machado, Vinicius Torres. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 370.115

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

AMANDA GAMBA

## UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO ZAPATISTA

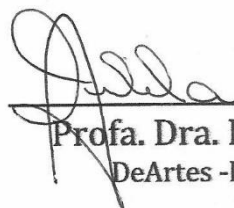
Trabalho de Conclusão de Graduação em Licenciatura em Arte Teatro. Apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista.

São Paulo, 24 de Janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.



---

**Prof. Dra. Lilian Freitas Vilela**  
DeArtes -IA-UNESP

## **Agradecimentos**

Eu agradeço muito, muitas pessoas. Agradeço você que está lendo esses agradecimentos!

Agradeço à Vivi e Marcelo, obrigada por terem me jogado nesse mundo, e terem oferecido tanto amor e suporte nessa jornada até aqui. Agradeço à minha irmã Giulia e Renan por serem cais num mar cheio e bravo. Agradeço à Jamile, não só por ter me apresentado ao Movimento Zapatista, mas também pelo companheirismo, pelo olhar que tem para o mundo e por contar junto comigo histórias que remontam a busca por um outro mundo, em que caibam muitos mundos e onde os olhos vejam o que é falado pelo coração, pela pele e pelos passos. Ao Renato por incitar más ideias anarquistas em mim, pela amizade e o coração leve com a mente pesada. Agradeço à Bruna, por ser companheira de todas as horas, amiga, dupla, apoio emocional e tudo mais que dá pra imaginar. Aos antigos residentes e acoplados da Cumuna 202, lugar onde tive momentos em que pude existir de maneira tão completa e alegre que serei eternamente grata. Agradeço ao Gustavo com quem tenho conversas longas sobre a vida e pesquisa, divido sonhos e dou risadas. Agradeço à Chimera, por todo o amor que vivemos, as conversas longas sobre o mundo e seus apetrechos, dificuldades e escapatórias.

Agradeço imensamente a todas as pessoas que passaram pelo LAT17, e me formaram junto com todas as professoras e professores. Agradeço à todos os meus professores e professoras!

Todos os amigos do peito que fiz no Instituto de Artes, companheiras da Chapa M.A.R.I.A, companheiros de ocupação, de atos, paralisação e greve. Aos meus amigos blavers, todos também.

Agradeço ao Vina, meu orientador e professor querido.

Agradeço ao bar da Dona Nilza e à ela pessoalmente, e seus filhos.

Agradeço ao Subcomandante Insurgente Marcos, à Comandanta Ramona, ao Velho Antônio e todos em território zapatista traçando caminhos coletivos, olhando para estradas e amanhã ainda não nascidos. Que acreditam em criar um novo mundo e se propõe a fazer este real com suas próprias vidas.

À todos os que lutam e acreditam.

E finalmente, agradeço o ser vivo que mais esteve fisicamente presente na composição desse trabalho, meu cachorro vira-lata: Zambi.

A flor da palavra não morre, ainda que em silêncio caminhem nossos passos. Em silêncio se semeia a palavra. Para que floresça a gritos, se cala. A palavra se faz soldado, para não morrer de esquecimento. Para viver, se morre a palavra, semeada para sempre no ventre do mundo. Nascendo e vivendo morreremos. Sempre viveremos. Não nos renderemos. Zapata vive e, apesar de tudo, a luta continua.

- Exército Zapatista de Libertação Nacional

## Resumo

Nesse trabalho, inspirada pela ideia de espalhar a possibilidade de um outro mundo navego pelo histórico e luta do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e aponto alguns dos princípios e práticas associadas a educação autônoma que o movimento indígena-camponês propõe em seus territórios em rebeldia. Nesse processo levanto questões e reflexões sobre os papéis da educação na sociedade e a importância dos processos educacionais e como eles se configuram no contexto de luta que travam os Zapatistas.

**Palavras-chave:** Zapatista movement. Zapatista Army of National Liberation. Libertarian Education. Autonomous Education. Cosmovision. Indigenous Education. Zapatista Education.

## **Abstract**

In this work, inspired by the idea of spreading the possibility of another world I navigate through the history and struggle of the Zapatista National Liberation Army (EZLN) and point out some some of the principles and practices associated with autonomous education that the indigenous movement peasant proposes in their territories in rebellion. In this process, I raise questions and reflections on the roles of education in society and the importance of processes education and how they are configured in the context of the struggle that the Zapatistas are waging.

**Keywords:** Abstract. Resumo. ABNT.

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução . . . . .</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O que é o movimento Zapatista? . . . . .</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>Acordos de San Andreas . . . . .</b>	<b>19</b>
2.1.1	A Sexta e a Outra Campanha . . . . .	24
<b>3</b>	<b>Para que “serve” a educação rebelde? . . . . .</b>	<b>26</b>
<b>3.1</b>	<b>Quem faz uma “otra educación?” A terra, o caminhar perguntando e a busca pela educação verdadeira. . . . .</b>	<b>28</b>
3.1.1	SERAZLN, EPRAZ ESRAZ, CELMRAZ e UNIVERSIDADES DE LA TIERRA	31
<b>4</b>	<b>Conclusão . . . . .</b>	<b>36</b>
	<b>Referências . . . . .</b>	<b>44</b>

## 1 Introdução

Desde antes de sua primeira aparição pública em 1º de Janeiro 1994 a partir de um levantamento armado, até hoje, em 2022, completados 28 anos deste dia, o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), constrói um modo de existência autônomo, autogerido e anticapitalista. Formado em sua maioria por indígenas falantes das línguas tzeltal, ch'ol, tzotzil e tojolabal que vivem na região de Oaxaca e Chiapas, no México. Ainda em ação, independentes do estado mexicano, o movimento Zapatista, ou também chamado de Neozapatista, parte de uma tradição de organização e gestão autônoma de ejidos, que remontam as conquistas da Revolução Mexicana de 1910, e constroem novas formas de democracia, de acesso à justiça, à saúde, à terra e a educação, essa que se constitui como um dos principais pilares de sua autonomia.

A primeira vez em que ouvi dizer sobre Chiapas e seus municípios revolucionários, meus olhos com certeza brilharam e separei um espaço fixo em meu cérebro que dizia: “o movimento zapatista existe!”. Eu estava com uma inquietação aborrecente de que não era possível um modo de vida diferente, o nosso sistema engoliria qualquer um, mas quando penso que o EZLN existe e constrói um território autônomo, autogestionado e a favor da libertação de povos indígenas, enxergo uma nova perspectiva. Outros modos de vida são sim possíveis. É preciso olhar para a história e o que acontece agora. Não só para partes específicas do globo como geralmente acontece, ou mesmo apenas para nações ou estados, mas para comunidades em organização, ou associações não estatais, é preciso buscar referências de outros modos de vida, se existe o desejo de mudar esse que vivemos.

Nos anos de graduação, meus colegas e eu ficamos contentes nos momentos em que tivemos oportunidade de receber referências não euro centradas ou não brancas. Entendemos que em nossa formação era preciso uma variedade de autores, pensamentos e temas que fizessem jus a experiência de vida que levamos no Brasil, na América Latina, que levasse a sério a história e o que foi a colonização e suas consequências. E talvez, assim, encontrar mais suporte, enquanto arte-educadores, para nos tornarmos agentes de mudança em nossa prática pedagógica e fora dela também, em meio a um contexto de tantas controvérsias. Olhar para aqueles que estão agora fazendo algo com potência de agência e de mudança. Teremos mais chances se tivermos essas referências para caminhar de mãos dadas.

O EZLN e a educação Zapatista é exemplo disso. Analisar o currículo de um espaço de autonomia, trabalho coletivo de autogestão e composto em sua maioria por indígenas, é uma possibilidade de encontrar um diferente exemplo de pensamento para com a educação.

O currículo tem uma história, ele é determinado socialmente, produzido dentro de um amplo contexto. Por meio dele, se traduzem concepções de mundo e sociedade, visões interessadas e particulares, ele se vincula a formas específicas de organização da sociedade e da educação. Nesse sentido, o currículo pode ser considerado um artefato social e cultural que produz identidades, significações, representações e concepções de mundo. (MELO; RIBEIRO, 2021, p.2)

Nesse sentido, a partir do currículo, é possível tentar compreender mais a concepção de mundo de onde ele é aplicado. E é essa relação que eu gostaria de me aprofundar nesse trabalho. O pensamento zapatista dentro, ou a partir da educação zapatista.

Para explorar essas ideias, utilizarei de bibliografia existente sobre o tema, relatos de pessoas que vivenciaram pesquisas de campo nas regiões revolucionárias, também contarei com a literatura do Subcomandante Insurgente Marcos, que foi porta-voz e chefe militar do EZLN, escritos e comunicados oficiais do exército disponibilizados para o mundo inteiro em seu site.

A educação autônoma zapatista, é potência e exercício decolonial para pensar sobre o papel da escola e da educação em nossas vidas.

## 2 O que é o movimento Zapatista?

Neste capítulo pretendo dar uma navegada pela história, a fim de traçar objetivos, antecedentes e contexto do movimento para a discussão sobre a educação zapatista especificamente.

No sudeste mexicano, fazendo fronteira com a Guatemala, em Chiapas, o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), - levando o nome de Emiliano Zapata, um dos líderes da chamada Revolução Mexicana de 1910 - composto em sua maioria por indígenas, foi a público em 1994. Com os rostos cobertos por passa-montanhas e palicates, armas e principalmente sonhos empunhados em suas mãos, no dia 01 de Janeiro, primeiro dia do ano, ocuparam sedes de sete municípios: San Cristóbal de Las Casas, Altamirano, Las Margaridas, Oxchuc, Huixtan, Chanal e Ocosingo. No mesmo dia, não por coincidência, entrava em vigor o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) ou TLC (Tratado de Livre Comércio), o acordo comercial entre Estados Unidos, Canadá e México.

Acontece que, a região, segundo o Comunicado do EZLN: Chiapas: o sudeste entre dois ventos, uma tempestade e uma profecia, é detentora de muita riqueza natural, além de 82% de toda a planta petroquímica do México e as hidrelétricas são responsáveis por 20% da energia que o país precisa. Em contradição, a vida dos povos que habitam a região montanhosa se estabelecia em condições bastante precárias, onde 54 em cada 100 moradores estavam desnutridos. E a cada 100 crianças que frequentavam o ensino primário, 72 não terminavam a primeira série e mais da metade das escolas não oferecia nada além da terceira série do primeiro grau.

... os abundantes recursos naturais e o enorme potencial de desenvolvimento convivem, lado a lado, com profundas contradições sociais das quais se alimentam para garantir o enriquecimento de um seletivo grupo de proprietários. Estes por sinal, só têm olhos para as novas e velhas possibilidades de investimento, e, sobretudo, para as jazidas de petróleo, gás e urânio, ainda não exploradas. O único problema é que grande parte desta riqueza está exatamente nas áreas ocupadas pelas comunidades indígenas. Trocando em miúdos, para os senhores do dinheiro, os povos originários destas terras não passam de um empecilho que precisa ser removido. (GENNARI, 2005, p. 6)

Pois foi com o pensamento da possibilidade de exploração dessas áreas, e as negociações que aconteciam no NAFTA, que surgiu a Reforma de Salinas, projeto que altera o artigo 27 da constituição, e que fazia com que a terra dos ejidos, ou seja, terras que tem uma forma de posse coletiva, e não poderiam ser vendidas, arrendadas ou hipotecadas, passassem a ser posse do Estado e vendidas para a iniciativa privada ou grandes latifundiários. Colocando em risco conquistas históricas do movimento indígena e camponês, sua economia, assim como sua cultura e modo de vida, deixando as comunidades chiapanecas, segundo (GENNARI, 2005) sentenciadas à morte, sem acesso legal à terra ou qualquer garantia de manutenção. É a partir disso que se torna cada vez mais inevitável ao olhar zapatista a revolta armada.

Nesse momento, a presença do EZLN, na região, já datava alguns anos. No final da década 60, após uma descentralização de movimentos sociais, e o estabelecimento de diferentes abordagens de militância, antigos líderes formam uma guerrilha urbana, porém buscam não uma ação rápida para tomada de poder, mas sim agir de acordo com as pretensões do povo. Ou seja, priorizavam o que chamamos de formação de base, e sua própria formação, para que fossem capazes de levar a luta.

Em 17 de novembro de 1983, chega em Chiapas um pequeno grupo de zapatistas indígenas ou mestiços da cidade, com o plano de aprender a viver no ambiente hostil das montanhas, o que mais tarde seria uma poderosa defesa contra o exército regular mexicano. Com o tempo, esses guerrilheiros começam a estabelecer contato com as comunidades locais e treinam jovens dos povoados para poderem defender seus locais de origem das ações dos jagunços, e em troca ajudam a garantir a vida dos zapatistas na selva com suprimentos.

“Apesar da posse coletiva da terra, das decisões serem tomadas por consenso em demoradas assembleias e do fato de que ser indígena não é só ter nascido em um determinado lugar, mas é , sobretudo, escolher diariamente a vida em comunidade e se responsabilizar pelo outro, cada povoado continua fechado em si mesmo, sem nenhuma relação com os demais e agindo de acordo com usos e costumes que nem sempre promovem relações de igualdade. Neste contexto, a inserção do EZLN, não pode se dar como assimilação pura e simples de idéias, práticas, valores e formas de interpretar a realidade, mas sim como um lento processo no qual, ao incorporar a cultura indígena e ao dialogar com ela, é possível começar a criar a vivência de novas relações tanto entre as pessoas, como nos campos da política e da própria economia.”Id., 2005, p. 8

A relação de troca estabelecida entre os guerrilheiros e os povoados indígenas resultou em um processo de aprendizagem de línguas, signos, símbolos e sentidos entre si, para que fosse possível ouvir e aprender com eles, agora maioria no EZLN. E assim, não só os guerrilheiros como também as comunidades se transformam. É possível entender que acontece, na verdade, uma inclusão da organização militar em um movimento já existente:

“Esse encontro é visto pelo subcomandante Marcos como a “primeira derrota do EZLN”. A partir dele, começa a configurar-se com as características que o fizeram e fazem tão interessante: sua abertura para encontrar e integrar-se com o diferente e modificar-se por meio desse encontro. Esse momento também é descrito pelo subcomandante Marcos como um momento de aprendizagem, em que o mais importante foi aprender a ouvir e depois a falar. Ao pararem para ouvir sua relação com aquelas comunidades modificou-se, pois compreenderam que já existia um movimento de resistência crescendo em meio àquelas comunidades, ainda que baseado em outras formas de resistência. Perceberam que não havia mais sentido ser um exército de salvação - daí ser a primeira “derrota”. No entanto essa abertura não significou a dissolução do exército, mas a integração da organização militar no movimento já existente, tornando-se um elemento a mais na resistência indígena-camponesa daquela região.”(SANTOS, 2008, p. 21)

O balanço geral da história mexicana neste momento trazia uma certa desesperança na democracia representativa em vigor, o presidente que havia sido eleito, subia ao poder a partir de um processo ilegítimo, que mostrava também a fragilidade desta dita democracia.

Além de que o preço do café, grão que é responsável por grande parte do comércio de Chiapas, estava caindo. O que aumentava ainda mais a precariedade do Estado com o maior índice de pobreza.

Quando, em 1992, Carlos Salinas de Gortari, até então presidente da república, com a justificativa de acelerar investimentos na agricultura, e desprezando os efeitos que isso teria na prática para os povos originários, divulgou as alterações no artigo 27. Com o interesse expressado pelas comunidades (que se relacionavam com o EZLN) de radicalizar e preparar um levante armado, é tomada a decisão de uma consulta pública.

Segundo o próprio Subcomandante Marcos, porta-voz e chefe militar do exército, em entrevista (BOT, 1997), são consultadas quatrocentas ou quinhentas comunidades de quatro etnias: tzotzil, chol, tojolabal e tzeltal, e com votos diretos e nominais, públicos no interior da assembleia do povoado. Com muito debate, e argumentos registrados, a grande maioria se pronuncia favoravelmente ao início da guerra, e as comunidades dão ao EZLN a ordem de combater com elas. O treinamento militar agora tem mais objetivos do que apenas proteção e as comunidades indígenas assumem o controle e direção da organização político-militar. Nasce o CCRI-CG (COMITÊ CLANDESTINO REVOLUCIONÁRIO INDIGENA - COMANDO GERAL DO EZLN.)

Uma das vantagens do EZLN, era saber como viver na Selva Lacandona, o que o exército regular mexicano não conseguia, e é esse lugar que dá nome a primeira declaração pública da guerrilha. A Primeira Declaração de Selva Lacandona, foi lida em voz alta por guerrilheiros com rostos cobertos na manhã de 1º de Janeiro de 1994, quando declararam guerra ao Estado e ao exército mexicano. Foi a primeira de seis declarações que se seguiram, renovando e acompanhando a história de luta do EZLN. O movimento também soube utilizar de um espaço importante para o diálogo com a população civil, fazendo ser possível a comunicação com milhares: a internet. Até hoje, o exército rebelde posta as declarações e diversos comunicados, em sites administrados pelos zapatistas, disponíveis para leitura, alguns até traduzidos. Em um deles chamado Enlace Zapatista, fiz consultas e entrei em contato com diversos textos e comunicados, pois nele existe uma compilação de textos zapatistas publicados desde 1993. É importante pontuar que a boa comunicação com a sociedade civil é também uma bem executada tarefa e um dos motivos de sobrevivência do movimento zapatista.

Nessa primeira declaração, disseram basta! Se direcionando ao povo do México, os zapatistas em revolta se colocam como fruto de uma luta de mais de 500 anos, nesse sentido, além de lembrar que são uma continuação da história de Emiliano Zapata e da Revolução Mexicana de 1910, também mostram que a revolta armada é resultado de muitas tentativas por outras vias para o mesmo fim, ter o direito de uma vida digna, e a possibilidade de delinear seu próprio futuro. Como diz a Primeira Declaração: A guerra é uma medida extrema, porém justa.

Porém, nós hoje dizemos BASTA!, somos os herdeiros dos verdadeiros forjadores

de nossa nacionalidade, os despossuídos, somos milhões e chamamos a todos nossos irmãos para que se somem a este chamado como o único caminho para não morrer de fome ante a ambição insaciável de uma ditadura de mais de 70 anos, encabeçada por uma camarilha de traidores que representam os grupos mais conservadores e vende-pátrias. São os mesmos que se opuseram a Hidalgo e Morelos, os que traíram Vicente Guerrero, são os mesmos que venderam mais de da metade do nosso solo ao invasor estrangeiro, são os mesmos que trouxeram um príncipe europeu para nos governar, são os mesmos que formaram a ditadura dos científicos porfiristas, são os mesmos que se opuseram à expropriação petroleira, são os mesmos que massacraram os trabalhadores ferroviários em 1958 e aos estudantes em 1968, são os mesmos que hoje nos tiram tudo, absolutamente tudo.

Para evitá-los, e como nossa última esperança, depois de ter tentado tudo para pôr em prática a legalidade baseada em nossa Carta Magna, recorreremos a ela, nossa Constituição, para aplicar o Artigo 39 que diz: “A soberania nacional reside essencial e originalmente no povo. Todo poder público emana do povo e se institui em benefício dele. O povo tem, todo o tempo, o inalienável direito de alterar ou modificar a forma de seu governo.” primeira declaração

Portanto, de acordo com nossa Constituição, emitimos a presente declaração de guerra ao exército federal mexicano, pilar básico da ditadura que padecemos, monopolizada pelo partido no poder e encabeçada pelo executivo federal que hoje tem Carlos Salinas de Gortari como seu chefe máximo e ilegítimo. (COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN, 1993)

Ao entrar em território Zapatista você verá uma placa dizendo: “Está usted en territorio zapatista. Aquí manda el pueblo y el gobierno obedece.” Este é um dos pensamentos que guiam o pensamento zapatista, o de mandar obedecendo e não mandar mandando. Na vida dos povoados as autoridades não são eleitas para exercer poder, mas sim para obedecer as bases que as colocaram no cargo, executar as decisões coletivas. E é possível observar essa vontade de suscitar nas pessoas o desejo de delinear seus próprios futuros, assim como também tomar coletivamente as decisões que dizem respeito ao seu próprio cotidiano.

Colocam como reivindicação que o ditador Carlos Salinas Gortari, seja deposto. E seguem com as ordens às forças militares do EZLN e depois ao povo do México novamente:

Primeiro: Avançar em direção à capital do país, vencendo o exército mexicano, protegendo em seu avanço libertador a população civil e permitindo aos povos libertados eleger, livre e democraticamente, suas próprias autoridades administrativas.

Segundo: Respeitar a vida dos prisioneiros e entregar os feridos à Cruz Vermelha Internacional.

Terceiro: Iniciar julgamentos sumários de soldados do exército federal mexicano e da polícia política que tenham recebido curso e que tenham sido assessorados, treinados ou pagos por estrangeiros, seja dentro de nossa nação ou fora dela, acusados de traição à Pátria, e de todos aqueles que roubem ou atentem contra os bens do povo.

Quarto: Formar novas filas com todos aqueles mexicanos que manifestem somar-se à nossa justa luta, incluindo aqueles que, sendo soldados inimigos, se entreguem às nossas forças sem combater e jurem responder às ordens deste Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Quinto: Pedir a rendição incondicional dos quartéis inimigos antes de travar os combates.

Sexto: Suspender o saque de nossas riquezas naturais nos lugares controlados pelo EZLN.

Povo do México: Nós, homens e mulheres íntegros e livres, estamos conscientes de que a guerra que declaramos é uma medida extrema, porém justa. Os ditadores estão aplicando há muitos anos uma guerra genocida não declarada contra nossos povos. Por isso pedimos sua participação decidida, apoiando este plano do povo mexicano que luta por trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Declaramos a intenção de não deixar de lutar até conseguirmos o cumprimento destas demandas básicas de nosso povo, formando um governo livre e democrático em nosso país

INTEGRE-SE ÀS FORÇAS INSURGENTES DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Comando Geral do EZLN

Id., 1993

A resposta do executivo mexicano se dá em enfrentamento com armas, execuções sumárias, torturas, bombardeio e com um menosprezo diante do conflito, tentativas de relacionar os rebeldes a facções violentas, além de negar o caráter indígena da luta.

Enquanto isso a população civil, propunha o diálogo. Criam a Coordenação das Organizações Civis pela Paz, com objetivo de interromper a guerra armada e também de fiscalizar a atuação do Exército Federal nos conflitos.

O cessar-fogo aconteceu em 12 de Janeiro de 1994, onde o EZLN declara abertura para o diálogo. Apesar de não se renderem. Os zapatistas falam palavras de paz, são soldados que querem deixar de ser soldados, mas não falam palavras de cumplicidade pacífica com injustiça. Eles nunca depuseram suas armas, e só fariam se suas demandas fossem atendidas. E reiteram em comunicado a disposição para o diálogo, mas também uma grande indisposição para a situação, atentando ao fato de que aquilo que alguns chamam de paz, sempre foi guerra para outros, outros esses que tem sua dignidade saqueada pela mão de quem os enxerga apenas como objeto turístico. Afirmam que não se pode basear o conforto de alguns no desconforto de muitos.

No nos amedrentan sus tanques, aviones, helicópteros, sus miles de soldados. (. . .) Ni con todos los soldados federales alcanzarían a tapar todos los caminos que siguió antes nuestra miseria y ahora sigue nuestra rebeldía. Tampoco nos afectan las mentiras de la prensa y la televisión, ¿olvidan acaso el porcentaje de analfabetismo REAL en el estado de Chiapas? ¿Cuántas viviendas no tienen luz eléctrica y, por tanto, televisión en estas tierras? Si la nación se deja engañar nuevamente por esas mentiras, siempre quedará al menos uno de nosotros dispuesto a despertarla de nuevo. Los Comités Clandestinos Revolucionarios Indígenas son indestructibles, tienen desde que fueron formados un escalafón de mando. Si uno o varios caen, ya otro o ya varios toman su lugar y sus relevos futuros se alistan. Tendrán que aniquilarnos a todos, absolutamente a todos, para detenernos por vía militar. Y siempre les quedará la duda de si no habrá quedado alguno por ahí que vuelva a iniciar todo. (MARCOS, 1994)

Os insurgentes aceitam a proposta de negociação com as condições, expostas no comunicado *Sobre o EZLN y las condiciones para el dialogo* (COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN, 1994b), de que o EZLN fosse reconhecido como força beligerante, o cessar-fogo fosse de ambas as partes, que houvesse saída das tropas federais de todas as comunidades e a formação de uma comissão nacional de intermediação. Dando início a

um longo processo de tentativas de negociações, a primeira fase se dá no fim de fevereiro de 94, nessa ocasião as propostas feitas pelo governo foram rejeitadas pelo EZLN, que publicaria a Segunda Declaração de Selva Lacandona.

As consultas que se iniciaram no dia 20/02/1994 na catedral de San Cristóbal de Las Casas, contavam com Manuel Camacho Solís como representante do governo, 19 delegados zapatistas e Dom Samuel Ruiz Garcia, bispo da diocese, mediador convidado pelo EZLN. Quando acaba essa primeira fase de negociações os rebeldes retornam às montanhas para consultas internas e encontros com representantes da sociedade civil. Jornalistas e repórteres são convidados a entrar em território rebelde, o que causa um conhecimento internacional da luta. Em 12 de Junho 1994, depois de uma pausa nas consultas (por setores da direita terem atribuído erroneamente ao EZLN a morte de Luis Donaldo Colossio Murieta, candidato a presidência, causando estado de alerta vermelho para os zapatistas) as comunidades rejeitam as propostas do governo, mantendo o cessar-fogo e decidem dialogar diretamente com a sociedade civil. São várias as idas e vindas no diálogo com o governo e com a sociedade civil nesse processo histórico.

É publicada a Segunda Declaração de Selva Lacandona, onde é convocada a sociedade civil participação nesse processo. Mais uma vez reinteram o compromisso com o cessar-fogo, por um comprometimento de incorporar as demandas populares, e também de mostrar seus limites Gennari (2005, p.16). O ponto em que os rebeldes tocam para justificar a negativa em relação as primeiras propostas do governo para resolução do conflito é de que justamente não eram atendidas as suas demandas.

todos comprendimos que los días del eterno partido en el poder, quien detenta para su beneficio el producto del trabajo de todos los mexicanos, no puede continuar más; que el presidencialismo que lo sustenta impide la libertad y no debe ser permitido, que la cultura del fraude es el método con el que se imponen e impiden la democracia, que la justicia sólo existe para los corruptos poderosos, que debemos hacer que quien mande lo haga obedeciendo, que no hay otro camino. (...) Hoy no llamamos a los fallidos poderes de la Unión que no supieron cumplir con su deber constitucional, permitiendo que el Ejecutivo Federal los controlara. Si esta legislatura y los magistrados no tuvieron dignidad otras vendrán que si entiendan que deben servir a su pueblo y no a un individuo, nuestro llamado trasciende más allá de un sexenio o una elección presidencial en puerta. Es en la SOCIEDAD CIVIL, en quien reside nuestra soberanía, es el pueblo quien puede, en todo tiempo, alterar o modificar nuestra forma de gobierno y lo ha asumido ya. (COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN, 1994a)

Nessa declaração também é convocada uma Convenção Nacional Democrática (CND) soberana e revolucionária, com o objetivo de construir uma nova lei nacional, receber propostas de um governo de transição e uma constituição que garantisse o cumprimento legal da vontade popular. É a criação de um espaço para que a sociedade civil pudesse se organizar e demonstrar na prática se era possível travar a luta pela liberdade, democracia e justiça sem pegar em armas. Em agosto de 1994 é fundado o primeiro Aguascalientes, lugar de encontro com a sociedade civil. Nessa primeira tentativa de organizar a vida pacífica são encontrados diversos desafios, também pelo vício da política partidária.

Ainda em 1994, os Municípios Autônomos em rebeldia são declarados, 38 novos municípios de Chiapas se tornam territórios rebeldes. Territórios esses que não respeitam a divisão geográfica oficial, mas sim a divisão estabelecida pelas comunidades indígenas zapatistas. Essa organização serve para melhorar as circunstâncias de resistência e avivar a vida coletiva.

A criação dos municípios autônomos marca o início de uma nova etapa na qual vários povoados de uma mesma região somam esforços para garantir a gestão coletiva dos recursos, o apoio recíproco, a defesa diante das agressões militares, os cuidados com a saúde e a educação, a produção dos mantimentos para a própria sobrevivência e para a dos integrantes do EZLN que se mantêm como exército permanente. Todas as decisões continuam sendo tomadas em assembleias às quais cabe eleger não só as autoridades locais como os representantes para o Conselho Municipal Autônomo. Nesta realidade, ocupar um cargo não significa ter acesso a privilégios, ao contrário, trata-se de aceitar um duplo trabalho com um elevado grau de desprendimento. Nenhum conselheiro ou líder comunitário recebe salário e a comunidade custeia apenas os seus deslocamentos quando estes ocorrem a seu serviço. Além disso, em alguns casos, as autoridades eleitas são ajudadas nos trabalhos da roça para que a sua labuta pela sobrevivência não impeça o atendimento das demandas vindas do exercício do seu mandato. E tem mais uma coisa que é importante sublinhar. Nenhum cargo é garantido por um determinado período de tempo. Seus ocupantes podem ser destituídos a qualquer momento caso não cumpram as decisões coletivas. (...) A regular a vida diária dos municípios autônomos não são as leis do Estado, mas as Leis Revolucionárias Zapatistas (...). (GENNARI, 2005, p. 20-21)

Os municípios autônomos não são criados e declarados para que haja a criação de um novo tipo de poder, mas sim, é a maneira que encontram as comunidades de se organizar em prol de uma melhora de vida na união, é somar esforços para que não tenham a necessidade de nenhuma forma de dependência. O movimento zapatista não busca mesmo uma tomada de poder para depois construir uma nova sociedade, e sim desenvolvem a possibilidade de uma prática que estabelece um modelo de sociedade que questiona o já existente e mostra que seu discurso é feito a partir de uma realidade palpável que eles constroem com suas próprias mãos.

Em primeiro de Janeiro de 1995, o EZLN divulga a Terceira Declaração de Selva Lacandona, Ernesto Zedillo Ponce de León já havia assumido a presidência, mediante eleições do ano anterior, e nesta o exército insurgente faz um panorama dos acontecimentos desse primeiro ano depois de sua aparição pública e reforça que as eleições não representam para eles um caminho para a mudança, e apesar de estar sendo visivelmente difícil de encontrar esse caminho pacífico para a democracia, inclusive acontece um esvaziamento da CND, a sociedade civil continua contra a luta armada, e reconhecendo isso, o EZLN tenta mais uma vez puxar um fôlego revolucionário e suscitar, chamar, convidar todos aqueles que tenham o interesse na democratização da vida a formar um movimento para libertação nacional, de comum acordo por todos os meios e todos os níveis para a instauração de um governo de transição, uma nova constituinte, constituição e destruição do sistema de partido do Estado.

A Comissão Nacional de Intermediação (CONAI) se esforça para retomar o diálogo

entre o EZLN e o governo federal e consegue que voltem a negociação, mas apesar de terem concordado em prolongar a trégua, no dia 8 de fevereiro é marcado um novo encontro e os zapatistas são recepcionados pelas tropas do exército federal com ordens para prender o comando do EZLN alguns fogem e alguns são presos.

Nos dias 9 e 10, são presos um porta-voz de Moctezuma Barragán, um assessor da CONAI e cerca de 20 supostos zapatistas. As Forças Armadas Federais avançam sobre os povoados indígenas tomando e destruindo vários deles, Centenas de comunidades são obrigadas a se esconder na selva para não serem vítimas do avanço dos soldados. O saldo da ação governamental não pode ser outro: prisões, torturas, assassinatos, estupros, desalojamento, povoados fantasma, postos militares nas comunidades e ejidos antes ocupados pelos indígenas e cerca de 30 mil refugiados. (GENNARI, 2005, pg 25)

A resposta civil para a violência desses acontecimentos é de mobilização nacional e internacional a favor dos rebeldes o que força o governo a retomar os meios de resolução do conflito a partir do diálogo. É aprovada uma lei que garante imunidade dos membros do EZLN se estiverem desarmados e envolvidos em atividades de diálogo. Em junho acontece uma consulta do movimento com a sociedade, a fim de tentar reunir e tomar conhecimento da opinião popular em diversos temas. Que pedem para o EZLN se manter como força armada, porém sem uso de poder de fogo, e também demonstram uma vontade de construir fóruns civis de diálogo e ações. Assim é proposto um debate nacional sobre a Reforma do Estado, sem a participação do governo.

Nesse momento, apesar de declararem publicamente vontade de dialogar com os zapatistas, o governo tem como maior investimento o aumento de tropas em Chiapas, e também começam a treinar grupos paramilitares.

Trata-se do que se costuma chamar de um conflito de baixa intensidade: sem grandes movimentações do Exército federal, o cerco militar e agressões dos paramilitares procuram isolar e esgotar o EZLN para poder aniquilá-lo. Em outras palavras, não se ataca diretamente o peixe, mas se tenta tirar a água na qual está nadando para que este morra asfixiado. (GENNARI, 2005, pg 27)

Mas as negociações continuam acontecendo com idas e vindas, no início do ano seguinte, 1996, é divulgada a Quarta Declaração de Selva Lacandona, onde é suscitada a criação da Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN), se dá a partir dos comitês civis de diálogo, o EZLN sabe que é preciso que cada vez mais pessoas tomem para si essa luta e deixem de ser apenas observadores. Seus integrantes são a população civil e não poderiam ocupar ou almejar cargos de poder governamental.

Em fevereiro, é feito um acordo com o governo federal e o movimento zapatista, depois de serem consultadas as bases do movimento e com a ressalva de que nem todos os aspectos da luta haviam sido contemplados e que as negociações continuariam, aceitaram os acordos pois era o que existia de mais avançado em matéria de direitos indígenas no México, e porque havia sido inaugurada uma nova forma de negociação política, aberta a amplos setores da sociedade (SANTOS, 2008, pg 43) . Nomeados como Acordos de San Andrés, pela localização onde as consultas foram realizadas, neste, o governo se compromete a reconhecer os povos indígenas na constituição federal, ampliar

sua participação e representação política, garantir o pleno acesso à justiça, educação, entre outros aspectos de sua autonomia. (GENNARI, 2005)

## 2.1 Acordos de San Andreas

Na prática é apontado diversas vezes pelos zapatistas a não realização dos acordos. Era inaceitável continuar lidando com prisões arbitrárias, e com as ações de extermínio do exército regular e grupos paramilitares. Além de que o não cumprimento do documento, que foi resultado de dois anos em negociação, demonstra que o governo não tinha e nem teve como objetivo levar a sério todo esse processo. Reforça a necessidade do movimento de criar outras formas e caminhos para a sua autonomia e dignidade, distanciando-se cada vez mais da esfera estatal e se aproximando de outros movimentos, pessoas e organizações da sociedade civil. Santos (2008)

O EZLN continua a tentativa de negociações, mas além de tudo o governo propõe deixar de lado o tema Democracia e Justiça, o que fez com que os rebeldes, depois de consulta na suas bases, em 2 de setembro se retirassem da mesa e colocassem cinco condições para retomar o diálogo: a libertação dos supostos zapatistas presos; Uma comissão governamental com capacidade de decisão política e que respeite a delegação zapatista; A instalação de uma comissão que acompanhe a implantação do que já foi acordado; Propostas sérias e concretas por parte do governo sobre Democracia e Justiça e fim da perseguição militar e policial contra as comunidades indígenas e extinção dos grupos paramilitares. Gennari (2005)

Esses acontecimentos tornam o cumprimento dos Acordos de San Andreas um ponto importante para as reivindicações zapatistas e várias mobilizações acontecem. A violência continua e a ação paramilitar com apoio do governo federal e estadual tem sua ação cada vez mais forte e impositiva. Escondidos atrás desses grupos que bancavam, o governo mexicano, nos meios de comunicação, propõe a retomada do diálogo. Segundo Gennari, essa seria possivelmente uma estratégia para que o EZLN tivesse uma reação armada, que os colocaria em uma situação frágil em relação à opinião pública e também militarmente. Mas os rebeldes entenderam isso também, e em 1997 suspendem por vários meses a divulgação de comunicados e mantêm-se em silêncio.

É divulgada a Quinta Declaração de Selva Lacandona em Julho de 1998, nela os zapatistas comentam o tempo que ficaram em silêncio:

Y trajo la guerra el gobierno y no obtuvo respuesta alguna, pero su crimen siguió. Nuestro silencio desnudó al poderoso y lo mostró tal y como es: una bestia criminal. Vimos que nuestro silencio evitó que la muerte y la destrucción crecieran. Así se desenmascararon los asesinos que se esconden tras los ropajes de lo que ellos llaman el «estado de derecho». Arrancado el velo tras el que se escondían, aparecieron los tibios y pusilánimes, los que juegan con la muerte por ganancias, los que ven en la sangre ajena una escalera, los que matan porque al matador aplauden y solapan. Y el que gobierna se despojó de su último e hipócrita ropaje. »La guerra no es contra los indígenas», dijo mientras perseguía, encarcelaba y

asesinaba indígenas. Su propia y personal guerra lo acusó de asesino mientras nuestro silencio lo acusaba. (SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS, 1998)

Após, chamam uma consulta nacional sobre o projeto de reforma constitucional em matéria de direitos e cultura indígena elaborado pela COCOPA (Comissão de Concórdia e Pacificação) e pelo fim do genocídio, ou guerra de extermínio. Em 1999 é divulgado o resultado e mais de 90%, de 2 milhões 854 mil 737 votos, são a favor das reivindicações dos rebeldes. Mas mesmo assim as investidas do governo são de continuar a agir contra o movimento. Nesse ponto o EZLN já havia co-existido com mais de um mandato de presidência, e agora com um partido novo no poder, depois de 71 anos de governo do PRI (Partido Revolucionário Institucional), mas a relação com os indígenas e o cumprimento das reivindicações do movimento ainda assim foram negligenciadas, criando cada vez mais uma descrença justificável dos zapatistas com o jogo eleitoral.

É anunciada uma marcha com uma delegação de 24 membros do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena, até a Cidade do México, para exigir a aprovação do projeto da COCOPA. O projeto chega a ser enviado ao congresso pelo até então recém-eleito presidente Vicente Fox, mas que depois disso não demonstrou nenhum esforço para defender a importância de sua realização. A marcha começou em 24 de fevereiro de e percorreu seis mil quilômetros, 13 Estados da Federação, compareceram em 77 atos públicos. E apesar de terem encontrado resistência, a delegação zapatista consegue ir ao Parlamento e discursar. A Comandante Esther fala com uma platéia grande de deputados e senadores.

Mas o que acontece é a aprovação de uma reforma que segundo os zapatistas, traí os acordos de San Andreas e o projeto da COCOPA. A discussão na esfera legislativa é encerrada. Apesar da tentativa de levantar uma mobilização contra reforma aprovada, a Suprema Corte de Justiça da Nação vai julgar pedidos de inconstitucionalidade que foram enviados no segundo semestre de 2001, em setembro de 2002, e os considera improcedentes e segundo (GENNARI, 2005), fecha sem reações significativas a via legal à rediscussão da Reforma Constitucional sobre direitos indígenas, e de consequência, legaliza o descumprimento dos Acordos de San Andrés. E para completar é aumentada a violência militar e paramilitar na região de Chiapas.

É preciso sustentar o céu para que não caia (A criação dos Caracóis)

O cenário não era nada agradável nesse momento, o governo Fox empenha-se em esforços que tem o objetivo de dismantelar o movimento aos poucos, a violência e também a obrigatoriedade para participar de projetos sociais de título de propriedade individual da terra, assim os terrenos de aproveitamento coletivo são colocados à disputa.

“Mesmo mantendo a pressão militar e paramilitar, a aposta do poder é a de fazer com que a rebelião chiapaneca apodreça vagarosamente sob o manto do esquecimento. Por isso, além de estudar a possibilidade de ações localizadas que minem a convivência das organizações indígenas e camponesas com os zapatistas, faz com que estas não dêem motivo para denúncias que atraiam as atenções do mundo para o sudeste mexicano” (GENNARI, 2005)

Porém, em 2003, em primeiro de Janeiro, datando 9 anos desde sua primeira

aparição pública, os Zapatistas mostram suas apostas no trabalho coletivo e na autonomia que constroem. A cidade de San Cristóbal de las Casas é ocupada pacificamente por volta de 20 mil indígenas zapatistas. E afirmaram em discurso que não iriam esperar o mau governo dar permissão para serem autônomos, e que colocariam a trabalhar independente da lei do Estado, sua própria autoridade e se autogovernar.

Os zapatistas são muito diferentes, não sei se já lhe disse isso, por isso imaginam coisas antes que estas coisas existam e acham que, ao nomeá-las, estas coisas começam a ter vida, a caminhar. . . e sim, a dar problemas. Por isso, com certeza, já imaginaram algo e vão começar a agir como se este algo já existisse e ninguém vai entender nada até que passe um tempo porque, de fato, já nomeadas, as coisas começam a ganhar corpo, vida e amanhã. (MARCOS, 2004)

Este trecho citado vem de um comunicado, que faz parte de uma série, que é publicado ainda em 2003 pelos zapatistas, onde é oficializada uma mudança importante na organização do movimento: A criação dos caracóis e uma nova estrutura para o governo autônomo que serve para renovar e complementar a já existente. Se relaciona tanto com esse acontecimento quanto com essa declaração de que essa luta não será uma espera passiva por uma realidade sonhada, e sim que estão dispostos a forjar com suas próprias mãos uma realidade possível e feliz.

Nesse comunicado chamado Décima Terceira Estela, assinado pelo porta-voz Subcomandante Marcos é declarada a morte dos Aguascalientes, que antes foram construídos para serem sedes da CND, ou seja para abrir uma comunicação entre o EZLN e a sociedade civil interessada. Essa morte é declarada com a justificativa de que a ideia era sim, de aprender a ouvir e a falar com a sociedade civil, mas que observando um caráter de “ajuda” que era oferecida muitas vezes pelos civis e organizações de “fora” do EZLN, chegaram na conclusão de que os Aguascalientes não faziam mais sentido, e tinham que morrer junto com essas iniciativas descritas pelo Sub como paternalistas e com jeito de esmola. Projetos que presumiam o que precisavam os indígenas, sem aprender a ouvir.

Os zapatistas têm recebido muitas ofertas para comprar sua consciência, e, contudo, se mantêm em resistência, fazendo de sua pobreza (para quem aprende a ver) uma lição de dignidade e de generosidade. Porque nós zapatistas dizemos “tudo para todos, nada para nós” e se o dizemos é porque o vivemos. O reconhecimento constitucional dos direitos e da cultura indígena, e a melhora das condições de vida, é para todos os povos indígenas do México, não só para os indígenas zapatistas. A democracia, a liberdade e a justiça às quais aspiramos são para todos os mexicanos, não só para nós.( . . . ) Aqui, agora, a pobreza é uma arma que tem sido escolhida por nossos povos para duas coisas: para evidenciar que o que procuramos não é o assistencialismo e para demonstrar, com o próprio exemplo, que é possível governar e governar-se sem o parasita que se diz governante.( . . . ) Quem apóia uma ou várias comunidades zapatistas está apoiando não só a melhora da situação material de um coletivo, está apoiando um projeto muito mais simples, porém mais atraente: a construção de um mundo novo, no qual caibam muitos mundos, onde as esmolos e as lástimas pelo outro sejam parte das novelas e ficção científica. . . ou de um passado a ser esquecido. . . ” (MARCOS, 2004)

Pois bem, mas como o próprio continua no comunicado, não é uma morte estéril essa dos Aguascalientes, são nascidos os Caracóis. Nome sustentado pela A História do Sustentador do Céu, que conta uma crença ancestral de que o céu, nosso telhado, não

foi bem construído pelos Primeiros Deuses, que construíram o mundo, e que às vezes afrouxava, e isso desorganiza os ventos, as águas, o fogo e a terra “quer se levantar e caminhar sem encontrar a onde ficar sossegada”, por isso quatro deuses se voltaram para a terra para nos quatro cantos tomarem a missão de sustentar o céu, e garantir um caminho plano para o sol, da lua e das estrelas. E para que nenhum dos sustentadores deixem afrouxar nenhum canto do céu, existe um deles que é responsável por organizar, ler o céu, e esse sustentador carrega um caracol no peito.

“E dizem aqueles que foram os primeiros que, para não adormecer, este sustentador do céu vá e vem pra dentro e pra fora do seu coração, pelos caminhos que leva no peito, e dizem aqueles mestres mais antigos que este sustentador ensinou aos homens e às mulheres a palavra e a sua escrita porque, dizem que enquanto a palavra caminha pelo mundo é possível que o mal se aquiete e no mundo esteja tudo certo, assim dizem. Por isso, a palavra do que não dorme, do que está de plantão contra o mal e suas maldades, não caminha direto de um lado pra outro, mas sim anda rumo a si mesmo, seguindo as linhas do coração, e para fora, seguindo as linhas da razão, e dizem os sábios de antes que o coração dos homens e das mulheres tem a forma de um caracol e aqueles que têm bom coração e seu pensamento andam de um lado pra outro, acordando os deuses e os homens para que fiquem de plantão para que no mundo esteja tudo certo. Por isso, quem vela quando os demais dormem usa o seu caracol, e o usa para muitas coisas, mas, sobretudo, para não esquecer”. (MARCOS, 2004)

São decididas a morte dos Aguascalientes e nascidos os Caracóis. Com isso os zapatistas querem renovar, ou renascer seu diálogo com a sociedade civil.

“Desta forma, os Caracóis serão como portas para entrar nas comunidades e para que as comunidades saiam; como janelas para que nos vejamos dentro e para que vejamos fora; como alto-falante para levar pra longe a nossa palavra e para ouvir a de quem está longe. Mas, sobretudo, para lembrar-nos que devemos velar e ficar de prontidão diante da totalidade dos mundos que povoam o mundo.”(MARCOS, 2004)

Essa mudança torna possível que sejam coordenadas as iniciativas solidárias dos mais variados movimentos rumo a um desenvolvimento equilibrado das comunidades em resistência, (GENNARI, 2005, pg 41), junto com os caracóis, que para além de serem um espaço de troca entre rebeldes e civis, também são espaços para ações do autogoverno, são estabelecidas as Juntas do Bom Governo.

A organização atual do movimento zapatista, é realizada por diferentes etnias indígenas: tezeltales, tojolabales, tzoltziles, mames, choles e zoques. E pode ser brevemente explicada assim: o EZLN é parte da organização que é armada e estruturada militarmente. Temos nessa organização: Os comandantes que são a instância de direção - o comitê clandestino revolucionário indígena (CCRI) - que geralmente são os mais velhos do grupo, vivem em suas comunidades, e são porta-vozes de suas aflições e desejos; Os insurgentes que tem diferentes graus de hierarquia, dedicam-se integralmente à organização armada e vivem nas montanhas em acampamento; e os milicianos que participam de atividades e formação no acampamento militar mas vivem em suas terras com o dia-a-dia com a comunidade. A organização civil zapatista é a base de apoio do movimento, onde é construída uma organização política autônoma. Existem então os municípios autônomos rebeldes

zapatistas (MAREZ) as Juntas de Bom Governo (JBG), que reúnem a organização de alguns municípios autônomos e, suas sedes são denominadas Caracóis, são essas instâncias político-administrativas da organização civil do território sob influência zapatista.

As Juntas de Bom Governo (JBG) são supervisionadas pelo CCRI-CG do EZLN, apesar de não serem subordinadas aos militares. As JBG foram consideradas a materialização do projeto de democratização, cuidam do cumprimento dos princípios do movimento e são encarregadas das relações com a sociedade civil nacional e estrangeira. Relações essas que permitem projetos como as escolas rebeldes zapatistas nos próximos anos. As pessoas que integram as JBG mudam constantemente, numa espécie de rodízio, o que cria um conhecimento de organização e responsabilidade em quase todos os integrantes da comunidade, pois todos devem saber governar.

As Juntas de Bom Governo são eleitas por Assembleias, estão sujeitas a mecanismos de vigilância e cumprem uma tarefa de coordenação, mas são as Assembleias que discutem e decidem todas as iniciativas. O funcionamento rotativo das Juntas permite colocar em prática uma forma de “governo coletivo” com o objetivo de fazer valer o princípio zapatista do “mandar obedecendo”. (RESENDE; CATARINA; CASTILHO, 2018)

Segundo Gennari, nesse momento a estratégia zapatista é a intensificação do trabalho de acumulação de forças, pela construção e fortalecimento das redes de resistência, onde o governo popular, construído nos Caracóis e nos Municípios autônomos, mostra, com os fatos, que é possível exercer a democracia direta e ampliá-la a outras regiões do México. É importante dizer que ao contrário do que geralmente é entendido, Chiapas e as comunidades rebeldes são atravessadas por uma dupla institucionalidade: zapatista e estatal, nem todos os indígenas que residem nos territórios são rebeldes, estes são chamados de partidistas, pois provavelmente tem algum envolvimento com a política partidária do México.

O estado depois da criação dos caracóis aumenta o número de prisões de zapatistas ou apoiadores, assim como os postos militares perto ou dentro do território, dando um ar de vigilância e punição. Mas agem tentando minar aos poucos o movimento:

“Resumindo, a elite mexicana tem plena consciência de que atender às demandas populares significa abrir mão dos próprios interesses e que fazer vista grossa diante da expansão das experiências de autonomia é como colocar uma hipoteca sobre os mesmos. Por isso, sabendo da sua falta de legitimidade junto às bases da pirâmide social, procura formas de coibir o avanço das organizações de resistência levantando a menor quantidade de poeira possível para não atrair a incomoda coordenação da sociedade civil nacional e internacional. O desejo de nada ceder no campo econômico faz com que a coerção tenda a se tornar a medida preponderante em suas relações com os movimentos deixando as possibilidades de diálogo na lista das medidas a serem utilizadas para ganhar tempo, reduzir o próprio desgaste e tentar vencer pelo cansaço as ações que se contrapõem aos seus planos” (GENNARI, 2005, pg 42)

Apesar das ofensivas, em 2004, é divulgada uma série de comunicados pelos zapatistas fazendo um balanço do primeiro ano da formação dos Caracóis e da nova organização política estabelecida. Com ajuda de organizações e voluntários é implementado sistema de saúde nos municípios autônomos, com estrutura, medicação e atendimento

gratuito para toda a população, além de campanhas diversas sobre questões de saúde. No âmbito da alimentação também caminham bem com a criação de cooperativas e outras várias atividades e projetos, são criados também centros de vendas regionais onde é possível vender o que é produzido pelas comunidades. Na educação, são construídas, nesse primeiro ano, mais de 50 escolas e outras 300 são equipadas (GENNARI, 2005, p. 44). Os educadores/promotores da educação passam por cursos de capacitação e centros de ensino secundário e técnico passam a existir.

### 2.1.1 A Sexta e a Outra Campanha

Ésta es nuestra palabra sencilla que busca tocar el corazón de la gente humilde y simple como nosotros, pero, también como nosotros, digna y rebelde. Ésta es nuestra palabra sencilla para contar de lo que ha sido nuestro paso y en donde estamos ahora, para explicar cómo vemos el mundo y nuestro país, para decir lo que pensamos hacer y cómo pensamos hacerlo, y para invitar a otras personas a que se caminan con nosotros en algo muy grande que se llama México y algo más grande que se llama mundo. Esta es nuestra palabra sencilla para dar cuenta a todos los corazones que son honestos y nobles, de lo que queremos en México y el mundo. Ésta es nuestra palabra sencilla, porque es nuestra idea el llamar a quienes son como nosotros y unirnos a ellos, en todas partes donde viven y luchan. (MARCOS, 2005)

Em 2005 é publicada a Sexta Declaração de Selva Lacandona, nela os zapatistas fazem um tipo de retrospectiva das principais etapas da história do EZLN, e explicitam seu ideal anticapitalista e contra o neoliberalismo, reafirmando seu posicionamento de buscar um novo tipo de política que não a representativa eleitoral reafirmam três compromissos: manter o cessar-fogo ofensivo contra as forças governamentais; Insistir no caminho da luta política com iniciativas pacíficas e defender e apoiar e obedecer às comunidade indígenas zapatistas. (GENNARI, 2005)

O convite para que se unam todos os interessados e criem alianças não é algo exatamente novo, como podemos ver nesse breve histórico traçado, mas assim como em outros aspectos, é uma renovação da maneira como esse convite é feito e proposto. E também surge de uma reafirmação da investida mais profunda que o movimento anda mostrando na construção da autonomia, no auto-governo e na independência do Estado.

Ainda em 2005 é lançada a “Outra Campanha”, *Campanha* se refere as campanhas eleitorais, e a palavra *Outra* é um chamamento para participação política para além da eleitoreira.

“Então <<a outra campanha>> se propõe a organizar a escuta, organizar a ponte, organizar a resistência, organizar a rebeldia, torná-la coletiva e convertê-la num movimento de transformação profunda e radical, com de baixo, a partir de baixo e para os de baixo. O resumo da <<outra campanha>> está nesta frase evidente:<<falta o que falta>>. E o que falta é outra forma de fazer política. Sejam então bem vindos e bem-vindas a este propósito.” (GENNARI, 2005, p 52)

Os rebeldes anunciaram o fim da FZLN (Frente Zapatista de Libertação Nacional) convocada na Quarta Declaração de Selva Lacandona,. Agora nessa nova etapa apresen-

tada pela Sexta Declaração de Selva Lacandona e da Outra Campanha, esse espaço é modificado e renovado. Nesse meio tempo e em 2006, acontecem viagens de delegações zapatistas pelo México, a fim de criar essa escuta com outros lugares do país.

A sexta declaração, por hora, continua sendo a última declaração de Selva Lacandona publicada pelo EZLN, que continua nos dias de hoje enfrentando desafios, sem cessar a luta. Também estão construindo na prática suas “teorias” com seu olhar e fazer. Uma vida autônoma, em busca de liberdade, justiça e democracia.

Fazer esse resgate histórico me pareceu importante antes de partir para mais especificamente a educação zapatista no próximo capítulo, pois não há como dissociar os aprendizados do movimento, sua epistemologia, do processo educacional proposto. Achei importante seguirmos cheios de um histórico, para melhor compreensão da composição social de Chiapas, do posicionamento rebelde em relação à educação “oficial” e programas de assistencialismo dentro do território. Sua própria história já justifica uma busca por autonomia e autossuficiência, inclusive educacional.

### 3 Para que “serve” a educação rebelde?

Depois da ruptura com a política institucional e com a criação das Juntas do Bom Governo, a educação autônoma zapatista é consolidada e cresce. No artigo *A Proposta Educativa nas Comunidades Zapatistas (2016)* os autores falam um pouco do objetivo da educação autônoma:

La educación autónoma tiene como propósito concientizar a los jóvenes de su realidad social, económica y política, por ejemplo: por qué están luchando, qué es la lucha zapatista, qué es la justicia, qué es el compañerismo, a partir de su experiencia como rebeldes zapatistas. Los jóvenes zapatistas aprenden la autonomía desde la práctica en el aula, que reside esencialmente en la libertad pedagógica que asumen los promotores. Así la libertad educativa permitida por el marco autonómico se sostiene con base en consideraciones que derivan de la autodeterminación político-cultural. En este sentido, la escuela autónoma posee una organización propia que no depende de una normatividad impuesta desde afuera, pero que posibilita desde adentro la transmisión social de conocimientos surgidos de prioridades establecidas en colectivo (ZVALETA *et al.*, 2016, p. 7)

A educação pode ocupar diferentes espaços na constituição de quem a vive. Ainda que necessária a todos, ela pode carregar em si valores e condutas contraproducentes para o reconhecimento e libertação dos povos. A escola formal institucionalizada pelo governo mexicano se apresenta dessa maneira para os zapatistas.

Entendo que toda educação é entrelaçada com valores, políticos e ideológicos. E possa servir para a manutenção de um poder ou de dominação.

Essa educação sempre procurou formar as pessoas de acordo com as necessidades da sociedade, servindo operários conformados para o trabalho braçal e formando os filhos da burguesia para as funções de gestão da sociedade, mas ainda assim para gerir de acordo com os desejos da sociedade, e não deles próprios. A educação tradicional capitalista é, ao mesmo tempo, reflexo e fonte da desigualdade social, gerando uma visão de mundo que garante a acomodação, e ensinando ricos e pobres a se conformar com a estrutura social, que deve ser percebida como inevitável e imutável. (GALLO, 1995, pg 35)

Portanto, a finalidade da educação pode ser entendida como algo mutável, que atende a desejos e necessidades específicos de quem a organiza e trabalha nela. Segundo (GALLO, 1996) se a educação é um processo formador de pessoas, precisamos saber quem são essas pessoas. O conceito que temos de quem somos, ou de quem são, está relacionado com a sociedade em que se está inserido. Podemos então formar pessoas para a manutenção da sociedade ou pessoas comprometidas com a sua transformação.

Mas então, como funciona a Educação Zapatista? Como os alunos e educadores zapatistas vivem o processo educacional? Este é um dos pilares fundamentais de sua autonomia, democracia radical e descolonização. Como ela é pensada para melhorar a qualidade de vida daqueles que estão ali comprometidos com a transformação constante e construção de uma nova cultura política? Os zapatistas educam pessoas para lutarem por dignidade, liberdade e justiça e tem como lemas aprendizados que retiram de sua

própria caminhada. Como o conceito de aprender a falar e a ouvir. O conceito de mandar obedecendo em contraposição ao mandar mandando. Isso tudo já cria base para que essa educação tenha um vigor, ou melhor, uma finalidade diferente daquela que forma pessoas para o mercado capitalista. E sim, um aprendizado em função da sua própria ótica para o mundo, o que também faz com que aqueles que aprendem se vejam e reconheçam a si mesmos nos conteúdos e objetivos educacionais. A educação libertária pode ser entendida como uma educação que ajuda a fazer entender o seu papel na sociedade, como aparatar um desenvolvimento que faça com que as pessoas não sejam receptores de sua educação mas sim, próprios construtores.

Não nos propõe como educá-los, mas como se educam, nem como ensinar-lhes mas como aprendem, nem como socializá-los, mas como se socializam, como se formam como sujeitos sociais, culturais, cognitivos, éticos, políticos que são. (ARROYO, 2003, pg 34)

Os zapatistas com sua autonomia e auto-gestão educacional pretendem oferecer uma educação que permita a manifestação e presença de sua cultura indígena, que fale sobre sua origem e formar pessoas que sejam conscientes da sua realidade. O que não acontecia nas escolas formais mexicanas, eram enviados professores despreparados para lidar com a cultura local, idioma, e conseqüentemente o conteúdo de aprendizado era deslocado da vivência daqueles povos. A demanda para a educação autônoma zapatista vem por uma ausência de uma educação de qualidade oferecida pelo estado. As escolas zapatistas buscam criar pessoas que tenham o compromisso e o orgulho de poder escolher com suas próprias relações, vozes e mãos o que querem. Sem ser para buscar o poder para si, mas sim para exercita-lo. E com o aparato conceitual dos indígenas zapatistas constroem um currículo que abarca sua cultura e ideias e que promove a consciência necessária para a autonomia (SILVEIRA, 2020, p. 174)

É possível observar na própria história do movimento zapatista que a emancipação dos povos indígenas e o cumprimento de suas demandas não são de interesse do “mau governo” - Como os zapatistas chamam o governo mexicano. -. Portanto a finalidade da educação advinda dessa lógica, não poderia funcionar de outra forma.

O Estado “permite” certa democratização e mesmo uma ação progressista até o ponto em que essas ações não coloquem em xeque a manutenção de suas instituições e de seus poderes, se esse risco chegar a ser pressentido, o Estado não deixa de utilizar todas suas armas possíveis para neutralizar as ações “subversivas”. (GALLO, 1996, p. 11)

A educação Zapatista não tem relação com o Estado Mexicano e não tem uma forma de certificação oficial. A certificação não é sua finalidade. “Eles não querem uma certificação, eles querem ser reconhecidos no seu direito de exercer autonomia”. (BARBOSA, 2013). Nas

negociações e tentativas de diálogo com o Estado e na construção de sua autonomia, os zapatistas sempre reconheceram a importância de uma educação de qualidade. Demanda que não foi cumprida pelo estado portanto:

A necessidade de construção de uma educação autônoma é determinada, a princípio, pela ausência de escolas e/ou de políticas públicas em educação que reconheçam a identidade e tradição indígenas. Frente a esse hiato o desenvolvimento de uma educação autônoma se faz necessário não apenas para ocupar o lugar deixado ou não ocupado pelo Estado, mas para o desenvolvimento do processo de socialização e conscientização política e cultural desses povos. (SILVEIRA, 2020)

Mais do que reconhecer que o estado não ofereceria educação gratuita e universal, as comunidades percebem que essa educação que é oferecida nunca lhes coube, e não cabe em sua vivência. Os formatos institucionais de educação e escolarização não eram condizentes com os métodos organizacionais que eles vivem. Portanto, a educação zapatista é também pensada a partir do que não se quer ou não serve, por isso é uma busca de subversão do conteúdo e por uma *otra educación*.

En el ejercicio del poder no puede olvidarse el papel que juega la educación. La dominación se ejerce vía el conocimiento. Si en la educación no hay autonomía y libertad, sólo se impone una educación dependiente que tiende a disimular la explotación del neoliberalismo. Ante la imposición del conocimiento oficial y contra los puntos de vista eurocentristas. No se puede ser democrático sin luchar contra los mandarines del poder. La democracia incluye la producción de conocimiento. (EZLN ((EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL), 1996, p. 60)

### **3.1 Quem faz uma “otra educación?” A terra, o caminhar perguntando e a busca pela educação verdadeira.**

Os zapatistas em geral tem o trabalho na milpa: que seria na terra da família, de onde deriva parte de sua alimentação. E o trabalho em alguma milpa coletiva, ou como autoridade autônoma, como promotor de educação ou de saúde, esse seria o trabalho coletivo. É um dos principais fundamentos da organização da vida zapatista. (MOREL, 2018)

Os promotores de educação, seriam aqueles que nós entendemos como professores, são chamados assim pois promovem os conteúdos e atividades estas são decididas para cada Caracol em assembléia, em consenso pela própria comunidade, onde todos têm direito a voto. Os promotores também são indicados por assembleias consensuais ou majoritárias. Passam por um processo de formação mais longo antes de entrar em sala de aula e depois continua participando de outros processos formativos. Um exemplo desse processo em uma das escolas é registrado no periódico La Jornada em 2004:

La educación autónoma en Ricardo Flores Magón se construye, contra viento y marea, de la siguiente manera: se forma un centro de capacitación en el que uno o dos indígenas jóvenes de cada pueblo se preparan para regresar a sus comunidades a impartir clases en las escuelas comunitarias autónomas. La preparación de los y las promotoras es apoyada por un grupo de capacitadores de la

ciudad: maestros, doctores o estudiantes universitarios. Cada comunidad elige a su promotor y, mediante un acuerdo, concreta la manera en que lo va a apoyar. Se trata de que mientras un promotor o promotora se capacite, el pueblo lo apoye trabajando su milpa y cuidando a su familia. (RAMIREZ, 2004)

Mas a profissionalização não existe nas comunidades como entendemos, não é incentivada uma educação de especializações que acontece separada dos debates da comunidade. Eles não recebem salários, porém são compensados com o cumprimento de seu trabalho na milpa ou ajuda com a obtenção de recursos para sobreviver, e viver bem, por seus companheiros, pois as atividades educacionais muitas vezes ocupam o tempo que teriam para o cuidado da terra familiar. Cada comunidade rebelde em seu tempo e demanda constrói seu sistema de educação autônoma e seu currículo, portanto não são completamente iguais entre si, mesmo que também façam parte do mesmo movimento. Essas comunidades trocam experiências e se comunicam, não só para saberem o que está sendo feito nas outras comunidades, mas a fim de também aprenderem umas com as outras.

Essa otra educación, proposta pelos zapatistas, traz porém, uma base em comum, o estudo pela e com a terra, e uma formação bilíngue. O estudo pela terra seria o contato muito próximo com a terra, milpa, conseqüentemente com sua cultura e também pela luta pela terra, que é ancestral para as comunidades da região e também cotidiana.

Há, nas tradições indígenas dos povos de Chiapas, uma cosmovisão que compreende a terra como mais do que mera propriedade, território ou subsistência, há um elemento espiritual, e cultural, que rememora os processos de invasão, expulsão e ocupação das terras dos povos originários no processo de colonização. Isso é mais claro quando nos referimos à Chiapas, dado que, ao longo do século XX, um intenso movimento migratório na direção das terras montanhosas e vales do sudoeste do México, tanto pelas populações de outras regiões do país, expulsas e retiradas de suas terras pelos finqueiros (latifundiários), quanto por populações, de ampla maioria indígena, guatemaltecas que atravessam a fronteira sul-mexicana (SILVEIRA, 2020, p.180)

E a formação bilíngue é com as línguas originárias sendo ensinadas e faladas como primeira língua, diferente de como era na educação formal estatal, e o castelhano, como segunda língua, reconhecendo a importância de conseguir se comunicar com as pessoas da cidade, também como forma de defesa. Fazendo essa subversão de conteúdo e colocando como central a terra e as línguas originárias, o movimento consegue trazer uma qualidade de afirmação desses povos, da sua cosmovisão e insere a educação como um instrumento emancipatório de reconhecimento e elaboração de problemas e experiência relacionada com a sua realidade. Todo processo educativo é ancorado nas tradições e conhecimento indígena e abarca também sua cosmovisão. “(. . .) o projeto revolucionário zapatista é atravessado por uma visão de mundo bastante específica, que une a crítica contemporânea aos aspectos violento e opressivo do capitalismo contemporâneo à uma narrativa de fundo mítico, oriundo da tradição Maia chiapaneca (. . .)” (SILVEIRA, 2020, 138)

No artigo Caminhar Perguntando: A Educação Autônoma Zapatista, (MOREL, 2018),

tendo como base o trabalho de campo que realizou em Chiapas, onde conheceu diferentes espaços do movimento por ser aluna de Tzotzil do Centro de Línguas Mayas Rebelde Autônomo Zapatista (CELMRAZ), apresenta alguns significados de palavras e conceitos que foram aprendidos nesse caminho e fala justamente sobre alguns pontos que eu gostaria de levantar neste trabalho. O espaço de formação disponível para não zapatistas nos territórios autônomos e promovidos pelos zapatistas é a do estudo da língua. Já destaquei a importância do resgate das línguas originárias no contexto dos indígenas zapatistas, mas a escolha de que a melhor maneira de se comunicar, a melhor maneira de apresentar a cultura zapatista, seja ensinar sua língua, diz muito sobre como eles enxergam ela. Para os rebeldes a língua *bats'i k'op*, que é o nome de fato dado às línguas de um povo (Tzotzil, Tzetales, Tojolabes e indígenas de Oaxaca) é sua história. Conhecer a língua é conhecer as histórias dos povos, que pertencem aquela língua e seus significados, que falam por eles. E o desafio se põe em como em sala de aula transmitir o que são, através da língua. Para que os não zapatistas possam falar e ouvir, e aprender de fato com os promotores, que em *bats'i k'op* é *Jnikesvany*, que traduzindo seria: pessoa que move. Então conhecer algumas palavras que sejam ajudam bastante na compreensão da visão Zapatista para a educação.

A princípio o movimento teve como demanda para o Estado uma educação universal e gratuita. Já quando param de negociar com o governo, eles percebem também uma necessidade de educação diferente para os povos indígenas. São construídas diversas escolas por mutirões e as bases de apoio retiram seus filhos das escolas estatais e partem para a construção da educação autônoma.

A educação verdadeira, *chanel*, é a busca. *Chanel*, em *tzotzil*, significa aprender, conhecer ou realizar. É a educação de um povo, de um lugar, seria a dinâmica de aprender com o todo. A ideia da educação de preparar-se para viver no mundo, não para conseguir um emprego melhor, mas sim para viver no mundo, e essa educação só pode se dar através na vida coletiva, pois é parte da educação tentar servir e responder às demandas da vida cotidiana. As escolas autônomas, por exemplo, podem se adaptar ao calendário agrícola. A educação verdadeira também se coloca de maneira distinta da ideia de que a educação acontece na mente, na cabeça. Essa divisão da mente e corpo vem de uma forma de ver e de escutar dos colonizadores. O que os zapatistas buscam é uma educação que ensine e aprenda com livros e com a cabeça, mas também com a comunidade, com a terra, e com os cosmos.

*Chanel*, leva tudo que está em rede em conta. Os astros, a terra, os ânimos, os problemas sociais. Esse tempo de *chanel*, não é possível no capitalismo. Observei na experiência zapatista uma certa dilatação do tempo. Em muitos momentos de acontecimentos importantes, de estratégia ou nas negociações com o governo, o movimento se volta para consultas populares, e não tem interesse em apressar as decisões, é preciso tempo para

construir um novo mundo. E no princípio *lento, pero avanza* conseguimos entender um pouco da onde surge esse posicionamento. Mas para além disso, na busca pela educação verdadeira também é possível ver essa necessidade, de um tempo mais dilatado, e de pensar no todo. Esse tempo também faz entender melhor a ideia de *camiñar* perguntando (MOREL, 2018, p. 504) que é um princípio fundamental na educação zapatista. Saber continuar caminhando independente dos momentos desfavoráveis e sempre criar novos imaginários e novas formas de luta, partem de um princípio de sempre estar em busca da educação verdadeira, entender a constante luta e a necessidade de que ela seja sempre aprimorada, que sempre sejam feitas perguntas que possibilitem o trabalho. Os zapatistas não se colocam como preparados, eles acreditam que sua preparação está no movimento.

### 3.1.1 SERAZLN, EPRAZ ESRAZ, CELMRAZ e UNIVERSIDADES DE LA TIERRA

Apesar da consolidação de um sistema educativo zapatista tomar forma a partir de 2003, quando da consolidação dos projetos de autonomia em torno dos caracoles zapatistas, a construção de uma educação autônoma tem sido parte do projeto insurgente desde o início. Após a retomada de terras ejidais, o processo de autonomização do território, da política e economia exigiu a construção de sistemas de saúde, educação e segurança por parte dos zapatistas. Ao promoverem este processo autonomista, coube aos zapatistas ocupar e realizar as tarefas anteriormente a cargo do Estado, bem como construir instituições pautadas no ideário que mobiliza as bases sociais zapatistas. Assim, o pressuposto para compreender a construção de um sistema educativa por parte dos zapatistas é o abandono das formas hierárquicas e estatais de organização institucional, dado que, quando se busca entender a saúde, educação e segurança zapatista não é possível separar tais âmbitos do projeto político, econômico e cultural de autonomia. (SILVEIRA, 2020, p. 182)

O Sistema Educativo Rebelde Autônomo Zapatista de Libertação Nacional ou SERAZLN, foi criado em 1997, com o objetivo de organizar melhor as experiências educacionais que aconteciam desde o levante e hoje continua sendo um órgão responsável por essa organização é onde pensam currículos, novas disciplinas formas de educar aprendendo. Funciona em dois níveis que são as Escolas Primárias Rebeldes Autônomas Zapatistas (EPRAZ) e as Escolas Secundárias Rebeldes Autônomas Zapatistas (ESRAZ), além do centro de línguas citado anteriormente que é o Centro de Espanhol e Línguas Maias Autônomo Zapatista (CELMRAZ), local de encontro com os não zapatistas. Existem também as Universidades de la tierra, ou Unitierra. Hoje em dia é uma rede de 6 universidades zapatistas.

Como dito anteriormente, em cada município autônomo existe um comitê voltado aos assuntos educacionais que integra o conselho autônomo municipal e integra o SERAZLN. Eles são compostos por representantes dos promotores/educadores, alunos e familiares dos alunos. São organizadas também nessas instâncias as formações desses promotores. São professores da base que são formados também por essa mesma base, um esquema de nós para nós. A ideia que colocam em prática é a de que todos têm a capacidade de ensinar e aprender. Determinar conteúdo, estratégias e práticas educativas, são tarefas a

cargo de todos. Bruno Perozzi Da Silveira (2020), fala sobre essa participação da família e da comunidade no geral e relaciona com ideias do filósofo e crítico social Ivan Illich:

A participação ativa das famílias e da comunidade em geral nos assuntos educacionais reconfigura as necessidades e a própria função da escola, que deixa de ser a “única” instituição responsável pela educação formal para se tornar mais uma parte (muito importante) de uma “teia educacional que aumenta a oportunidade de cada um de transformar todo instante de sua vida num instante de aprendizado”(ILLICH, 1985, p. 18), e que, portanto, ultrapassem as paredes da instituição escolar, transformando toda a comunidade, a terra, as casas, montanhas e florestas em escola “sem paredes” (ILLICH, 1985). Essa subversão plena do sentido e função atribuídos à escola e à educação ocorre mediante à transformação das estruturas e relações hierárquicas que operam-na e através da escola, gestão escolar, políticas educacionais, currículos e práticas docentes. (SILVEIRA, 2020, p. 187)

Mas é preciso se atentar também que apesar de no último levantamento feito por Baronnet em 2012, que aponta que o sistema educativo zapatista conta com 510 escolas, 1300 promotores de educação e 16.100 alunos (SILVEIRA, 2020). a quantidade de promotores e alunos em sala ainda varia entre os MAREZ, e a implementação da educação é desigual entre eles, existem alguns que ainda carecem de escolas e visam a construção dessas e melhorias nesse sentido, daí também que vem a estruturação e currículo diferentes entre si. Mas tem-se como objetivo do movimento zapatista a implementação e crescimento desses espaços e o atendimento dessas demandas a partir da autonomia e conscientização. E os zapatistas contam com estruturas e instituições complexas que estão a cargo disto. Sempre com o objetivo de criar espaços de convivência, que sejam geridos horizontalmente e que atendam às demandas das comunidades.

Tanto no nome que dão ao seu ensino primário quanto secundário aparecem as palavras rebelde e autônoma, que segundo (BARBOSA, 2016) são dois princípios são constitutivos da concepção da Educação Autônoma: a rebeldia e a autonomia.

O conceito de rebeldia está visceralmente articulado à denúncia do histórico olvido dos povos originários e do paulatino despojo de seu território, do desprezo por sua língua, sua cultura e sua cosmovisão. A rebeldia é compreendida como ato de rebelar-se, de não conformar-se e resistir. (...) Uma rebeldia que interpela e se posiciona frontalmente contra as bases simbólico-ideológicas e materiais do poder, responsável pelo empobrecimento agudo e/ou proletarização indígena e camponesa. (...) Uma rebeldia que se assume como ruptura e projeto de emancipação desde a luta pela autonomia. (BARBOSA, 2016, p.53)

Novamente demonstrando essa necessidade de ruptura e subversão das estruturas tradicionais da instituição escolar para além só do acesso à escola. (SILVEIRA, 2020, p.213)

São abordadas nas EPRAZ: a leitura e escrita, matemática, história, política, natureza, geografia, cultura, arte, esporte, saúde, humanismo e produção (essas últimas áreas abarcam o cuidado com o meio ambiente). E nas ESRAZ, com um ciclo de três anos: linguagem e comunicação, matemática, ciências naturais, ciências sociais e a trajetória e princípios e símbolos de resistência do projeto político. (BARBOSA, 2016, 55) Não existe avaliação dos estudantes, eles realizam as tarefas juntos, apoiando uns aos outros. E deci-

dem se vão para o próximo conteúdo ou nível, ou não, se acreditarem que ainda precisam aprender mais sobre algo abordado. E diversas atividades são propostas de atividades livres, pelos próprios grupos de promotores e alunos:

abordando temas como los acuerdos de San Andrés, por qué se alzaron en armas, el ataque político del Estado, la guerra de baja intensidad, siguiendo con las áreas de producción y agropecuaria donde se habla y se pone en práctica el cuidado de hortalizas y plantas medicinales, así como animales de granja, que sirven para el auto sustento de las escuelas y actividades abiertas donde se imparten talleres de teatro, canto, entre otros. (ROJAS, 2012)

Esses temas que são escolhidos para serem abordados revelam como (RESENDE; CATARINA; CASTILHO, 2018, p. 1802) diz:

Quanto ao currículo, pleiteiam que seja respeitoso com a história e a identidade próprias, superando a ideia de um currículo hegemônico, totalitário e único, que versa sobre uma determinada concepção de mundo mas aparece como sendo “a verdade” sobre o mundo e o modo de o conceber e estudar. Os zapatistas, em sua construção curricular coletiva, remetem-se à crítica do sistema capitalista, que os esmagou por mais de 500 anos, ao mesmo tempo em que constroem a resistência cotidianamente em seus territórios, mediados por conhecimentos próprios, produzidos pelo reconhecimento de sua história, pelo diálogo intergeracional e com a natureza compreendida como extensão e não como “outro” a ser explorado.

E o princípio de Caminhar Perguntando é aspecto central em como essas temáticas são elaboradas, esse princípio, já citado, não só coloca o questionamento e a possibilidade de mudança constante, mas também reafirma a necessidade de movimento enquanto questionam. Não existe um programa fixo ou leis universais para a vitória ou resolução de problemas, a luta deve estar sempre em movimento e é preciso saber continuar caminhando independente dos problemas e momentos difíceis e criar constantemente novas formas de luta e imaginários de resistência dentro da ação.

Nas salas de aula, os promotores costumam trazer as perguntas como principais disparadoras nos processos educativos. Debruçando sobre esse princípio que também é possível entender que por não procurar essa fórmula já feita, ou um passo a passo a se seguir, o Movimento Zapatista consegue além de retomar sua cultura, construir sua autonomia, enxergar caminhos ainda não percorridos, e lutam para, por exemplo, a maior inclusão das mulheres no movimento e se dedicam às questões de gênero num geral, e tentam sanar, também por meio da educação, as opressões que podem ainda transpassar esse espaço, esse que é o comprometimento zapatista. E suas crianças desde cedo entram em contato com esse tipo de compromisso e visão de mundo.

Los zapatistas consideran que para “combatir la ignorancia de nuestros pueblos, es necesario que la educación que se imparta, sea: liberadora, analítica, reflexiva, crítica, concientizadora, y así sea dueño del conocimiento de la humanidad. Que la educación tome en cuenta todas las formas de luchas de nuestros pueblos, que no sea una educación memorística alejada de nuestra realidad. (ROJAS, 2012, p. 25)

A preocupação com o meio ambiente e a preservação da biodiversidade também é bastante abordada em sala de aula, por se tratar diretamente da preservação de recursos

de seu modo de existência e por ser fonte de vida para todos os seres vivos. Também existe uma grande participação dos mais velhos, anciões indígenas, por meio de entrevistas e conversas, pois são eles que conhecem melhor a história dessas terras, seus desafios e que ajudam a construir uma relação de pertencimento, identidade e conscientização de seu meio.

E é dentro desses mesmos processos que os próprios agentes vão dando continuidade a construção da educação autônoma zapatista, pois nesse caminho são construídos materiais didáticos, por meio dessas entrevistas com os mais velhos, criam seus próprios livros, guias e contos (ROJAS, 2012, p.16). Com esse trabalho os zapatistas criam também uma nova forma de infância e epistemologia na qual é muito interessante ficarmos atentos o sistema educacional zapatista é um lugar “. . . donde se refuerza el ser indígena, el orgullo de su lengua y el amor y respeto a la tierra. Y es también en estos espacios donde, desde la infancia, se involucra con las tareas de la autonomía, pues esta generación no conoce otra forma de vida.” (RAMÍREZ, 22/2007)

Na proposta de Educação Autônoma Rebelde Zapatista, as crianças são vistas como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem e são tratadas pelos promotores como tais. Elas são levadas a participarem ativamente tanto das aulas práticas e teóricas; a colaborarem com os colegas de diferentes idades e níveis que estudam juntos em uma mesma sala de aula; são consultadas sobre as atividades que querem desenvolver e aprendem, desde cedo, como funciona uma assembleia ali mesmo na sala de aula.(. . .) Elas convivem diariamente com expressões significativas que reafirmam essa luta e, ao mesmo tempo, sua identidade política zapatista e indígena. (RESENDE; CATARINA; CASTILHO, 2018, 367)

Nas Uniterras ou Universidades de la tierra, são organizados e possibilitados os encontros entre aqueles que podem ensinar algo com quem quer aprender algo. É curioso a elaboração e construção de uma universidade se retornarmos ao pensamento de que os Zapatistas não acreditam em uma especialização fechada, e o que mais comumente conhecemos como universidade até então é justamente esse processo, e muitos que passaram pelas universidades tradicionais podem compartilhar uma experiência de alienação dentro dessa mesma instituição, de sentir que o processo educativo pode ser fragmentado e distante da realidade e das relações. Mas esse espaço dentro do contexto em rebeldia toma outras formas, mantendo o tripé acadêmico de pesquisa, extensão e ensino. Contando atualmente com uma rede de 6 universidades, sendo a primeira delas criada em Oaxaca, estas não têm cargos de docência remunerados, nem salas de aulas no modelo tradicional e nem títulos ou certificados. Mais uma vez, esse não é o objetivo dos espaços educacionais do território. A lógica pedagógica que visa o mercado capitalista é subvertida. A escolarização é tratada como algo fluido, apoiada por relações sociais livremente construídas. Como disse Ivan Illich:

A escolaridade não promove nem a aprendizagem e nem a justiça, porque os educadores insistem em embrulhar a instrução com diplomas. Misturam-se, na escola, aprendizagem e atribuição de funções sociais. Aprender significa adquirir nova habilidade ou compreensão, enquanto que a promoção depende da opinião

formada de outros. A aprendizagem é, muitas vezes, resultado de instrução, ao passo que a escolha para uma função ou categoria no mercado de trabalho depende, sempre mais, do número de anos de frequência à escola. (ILLICH, 1985, p. 36)

O sistema dentro das Uniteras são abertos e flexíveis a participação e integração dos estudantes são de acordo com a vontade e disponibilidade deles próprios, podem frequentar o espaço por anos ou meses, semanas. . . Seu objetivo é propiciar um espaço para que se continue aprendendo a viver no seu próprio contexto, e não em um outro. O objetivo é o contato com o conhecimento, e só. Com interesses em comum entre as pessoas frequentes são formadas oficinas, que em geral buscam alternativas e inovações para a vida em contexto. Como todos os envolvidos, pela natureza das relações dos territórios autônomos, estão entranhados nos processos sociais e políticos que vivem a ideia de extensão se torna a totalidade do projeto, não existe um em torno, eles próprios são o em torno e a base social do local. A educação autônoma demonstra que a falsa neutralidade e universalidade do conhecimento científico é desacreditada, desse modo, acreditam em um conhecimento que não parte da objetividade e neutralidade, mas sim da vivência, resistência e desejos gravados na sua história enquanto coletividade.” (MELO; RIBEIRO, 2021, 1801)

A pesquisa surge nas oficinas que vão desde estudos sobre filosofia até práticas manuais. São voltadas às profissões e conhecimentos considerados importantes para a comunidade local e visam dotar o aprendiz dos saberes necessários para que possa atuar positivamente em sua comunidade de origem, como por exemplo em Oaxaca, algumas oficinas que aconteceram foram: “de tecnología alternativa que trabaja en la creación intercultural de tecnología creativa”, como “bici-máquinas, generadores de energía solar con equipo sencillos, sanitarios secos”; um segundo centro “que se dedica básicamente a la agricultura urbana y a algunas prácticas agrícolas alternativas” e por fim uma oficina voltada ao desenvolvimento de “medios alternativos en el que se trabaja con Software Libre y donde se producen programas de radio y se hacen impresos” (SILVEIRA, 2020, p. 199). Na unidade de Chiapas existe infraestrutura de dormitórios, área de cultivo de alimentos e refeitórios, o que possibilita a autogestão da universidade para os aprendizes, que podem utilizar e fazer residência nos espaços. O financiamento desse espaço se dá pela própria comunidade e também por um programa de recepção de alunos estrangeiros. É um espaço que promove convivência, é gerido horizontalmente, atende demandas sociais e dialoga com a vida prática de seus aprendizes e promotores.

## 4 Conclusão

Trouxe de maneira “espalhada” alguns princípios e termos Zapatistas que permeiam o olhar rebelde para a educação, que é indissociável do olhar que também tem para a vida como um todo. Vou tentar associar esses princípios com a história do movimento e suas práticas de educação, como forma de conclusão deste trabalho, remontando um pouco o trajeto que fizemos pelo caminho e tentando juntar a prática e escolhas pedagógicas com histórico, imaginário, filosofia, comunicação e organização do movimento.

Após a sua vinda a público, do conflito armado, cessar-fogo, processo de negociação e debate com o Estado, rompimento com este mesmo, e com comprometimento e esforços voltados para a construção de um novo mundo a partir da autonomia, o EZLN visa construir um modo de vida que respeita as tradições, cultura, língua e princípios originários. E assim, emancipar sua comunidade indígena-camponesa da condição de sujeito subalterno, condição essa que é resultado do colonialismo e neoliberalismo. Colocando essa construção de algo “**otro**” em postura de negação desses processos.

A tradição de organização e gestão autônoma dos ejidos, que já remonta às conquistas da revolução mexicana de 1910, serve de apoio para os passos dos rebeldes, que ao verem essas mesmas conquistas serem perdidas, e suas terras colocadas em risco, junto com a economia local, sua cultura e identidade, decidem vestir paliacates e passamontanhas, divulgar suas ideias, e demonstrando consciência de sua origem e limitações de sua tarefa, partem em busca da construção da possibilidade de um outro mundo. E hoje, já contam com estruturas e instituições complexas.

(...) a perspectiva colocada para o EZLN é a autodissolução: “Nós decidimos um belo dia nos tornar soldados para que um dia não sejam necessários os soldados” (SUBCOMANDANTE MARCOS). Estabelecer se a si mesmo como parte –e apenas uma parte– da transformação social é o que explica a postura do EZLN de não buscar o poder. Se o horizonte é o “mundo onde caibam muitos mundos”, não é possível que um único ator – nem um pequeno número de atores– encarne o conjunto da transformação social. (ORNELAS, 2005, p. 156)

Perante ao descaso do mau governo em relação às pautas, acordos e tentativas de diálogo estabelecidas nos momentos de negociação, após a revolta armada, os Zapatistas, mantendo sua tradição de decisão pelas bases, por consultas populares e assembleias consensuais, decide por não negociar mais com o Estado e também abdicar de assistencialismo ou qualquer apoio estatal. Mantêm o cessar-fogo, respeitando a opinião popular mexicana, mas não entregam suas armas, e decidem partir para a autogestão de seus territórios e construção da sua autonomia rebelde, em que a educação zapatista se faz um dos principais pilares. E como podemos observar esses princípios zapatistas se concretizando em sua história e processos pedagógicos?

Antes mesmo de virem a público o EZLN já agiu de acordo com a ideia de aprender a escutar e a olhar, quando os guerrilheiros que estavam na montanha em pouco número, começaram a trocar com as comunidades indígenas, chegam à conclusão de que era

equivocado o pensamento de “trazer conhecimento” para as comunidades indígenas.

Quando o grupo urbano chegou às montanhas de Chiapas, pensando em instalar um foco guerrilheiro e ‘conscientizar’ os camponeses indígenas, aplicando a sua doutrina, se encontrou com uma situação totalmente diferente da que seus integrantes tinham imaginado. As comunidades indígenas já estavam organizadas, tinham plena consciência da sua realidade, tinham suas instâncias de decisão, suas organizações representativas e lutavam por seus direitos, diante de um processo de exclusão social e expulsão das terras originais, que havia começado muito antes”, conta o Subcomandante Marcos. (MINEIRO, 2021, 456)

E sim de que era necessário aprender a ouvir e ver e falar entre si, e só assim criarem uma realidade coletiva em que suas ideias e culturas se relacionassem. Segundo (HILSENBECK FILHO, 2008, p. 115), essa relação de troca é aspecto marcante da atuação Zapatista:

Na verdade, a própria práxis política dos insurgentes levou a uma síntese dialética integradora dessas duas vertentes, síntese das tradições indígenas e tradições de esquerda, inclusive com a sua renovação pós 1968, e também das tradições de lutas mexicana. Neste sentido, para Aguirre Rojas (2006), o zapatismo é um movimento de novo tipo, que anuncia, de certa forma, como serão os movimentos antisistêmicos de oposição ao capitalismo num futuro breve, pois há no zapatismo aportes importantes para compreender quais as vias concretas pelas quais poderão transitar as lutas organizadas anticapitalistas

O Subcomandante Marcos, até então porta-voz do EZLN, em sua literatura, traz como figura dos ensinamentos da cosmovisão maia e das comunidades indígenas o Viejo Antonio, personagem recorrente em suas narrativas, é um ancião que reconta muitas histórias dos tempos primórdios da existência. (MINEIRO, 2021) o define como: “(...) guardião dos saberes tradicionais, que desafia cosmogonias para tecer uma rede de relatos que conferem sentido aos valores fundamentais do movimento e que mobiliza referências do Popol Vuh.” (Popol Vuh, é como um “livro da comunidade”, é um registro documental da cultura maia, e que tem como tema a concepção de criação do mundo deste povo.) O Viejo Antonio relata histórias sobre olhar e escutar. É possível encontrar essas histórias no livro *Los otros cuentos: relatos del Subcomandante Marcos*. Essas histórias falam sobre deuses que povoam as narrativas maias, e sobre os primeiros dias de mundo, onde as primeiras pessoas do mundo precisaram aprender a escutar e a ver, incitando que quem as que lêem a história no presente façam o mesmo, para identificar os caminhos possíveis para a construção de mundos. Ao serem espalhados esses contos, segundo (MINEIRO, 2021, p.15)

A memória e a história são convocadas para ressignificar a experiência e para dar sustentação aos sonhos a partir dos quais se traçam horizontes de futuro. O passado colonial e o passado mais recente dos últimos dois séculos – marcados pelo extermínio e silenciamento étnico, pelo desrespeito e desvalorização da vida em nome do desenvolvimento e da modernidade – são iluminados por um passado ainda mais passado.

“*La historia del ruido y del silencio*” conta que os primeiros deuses, os que nasceram o mundo, andavam por aí tentando dançar incansáveis ruídos e barulhos que o mundo fazia, pois eles caminhavam dançando, mas como esses ruídos não eram música, eram apenas

muito barulho, eles não conseguiam seguir o ritmo e esbarravam em todas as coisas e direções. Tiveram que parar de caminhar para tentar procurar o silêncio. Não encontrando o silêncio em lugar algum, decidiram procurar dentro de si.

No silêncio dentro de cada um, encontraram a direção a seguir, o caminho a ser tomado sem tropeçar e trombar em tudo, sem se machucar tanto. Encontraram o silêncio e reencontraram o caminho de dentro. Aprenderam a escutar o próprio coração, uma das chaves para pensar a pedagogia do sonho: abrir espaço na barulheira do mundo, em meio ao ruído desnordeador de gritos e vozes, para reencontrar o silêncio que aponte o caminho. Os deuses detiveram-se, pararam de tentar andar no baile desvairado da algazarra do mundo externo para tomar um tempo e escutar o silêncio que cada um guarda dentro de si. (MINEIRO, 2021, 472)

Em “La Historia de las Miradas”, é contada a história de como as primeiras pessoas no mundo aprenderam a olhar. Elas tinham os olhos, mas ninguém havia explicado para quê serviam. E então eles andavam esbarrando e tropeçando em todos, e pegavam coisas que não queriam, e deixavam de pegar coisas que queriam, por não olhar. Depois de esbarrar nos primeiros Deuses, que entenderam enfim que precisavam explicar para que serviam os olhos, essas primeiras pessoas aprenderam o que era olhar.

Así aprendieron estos hombres y mujeres que se puede mirar al otro, saber que es y que está y que es otro y así no chocar con él, ni pegarlo, ni pasarle encima, ni tropezarlo. Supieron también que se puede mirar adentro del otro y ver lo que siente su corazón. Porque no siempre el corazón se habla con las palabras que nacen los labios. Muchas veces habla el corazón con la piel, con la mirada o con pasos se habla. (MARCOS, 2008)

Com essas histórias é possível entender um significado profundo no aprender a ouvir e escutar.

Como aprender a escutar, aprender a olhar compõe a pedagogia do sonho na medida em que é no exercício constante de olhar a si mesmo que se pode vislumbrar “caminhos por onde andar”, “manhãs ainda por nascer” (MARCOS, 2008, p. 40). Para entrever horizontes, conjecturar saídas, adivinhar caminhos, é preciso, pois, saber escutar os silêncios e aprender a ver o coração. (MINEIRO, 2021, 476)

Aqui associando com a história do EZLN, podemos entender que o processo de aprender a olhar e a escutar é também o processo de ir contra o olhar externo e colonizador. Aprender a olhar o próprio olhar e conhecer o coração é, nesse sentido, uma estratégia de descolonizar a visão de si e do outro, encontrando as próprias lentes para olhar o mundo, a si mesmo e o horizonte. (MINEIRO, P. 476) a partir da experiência. Não é à toa que a educação Zapatista se preocupa tanto em manter a cultura indígena como base para seus processos educativos, é necessário para a construção de identidade e de luta que as comunidades estejam em contato com o contraponto da história que é contada pelos colonizadores. Que para além de deixar sequelas materiais e históricas na vida dos Indígenas zapatistas também sequestram sua cosmovisão e subjetividade. Nas instituições estatais, os estudantes escutam a história de si, contada pela perspectiva desses agentes externos, e que não levam em conta tudo isso, e isso não é aceitável. Não eram vistos e não eram escutados.

Pois bem, a construção da educação Zapatista tenta ser o contrário disso e lá os indígenas Zapatistas podem experimentar a aplicação do direito fundamental que é o da diversidade das culturas e tradições dos povos maias. E cada comunidade pode construir a educação a partir de suas demandas e de seu contexto, do seu olhar e ouvir. Estes sentidos continuarão sendo estimulados, pois são precisos na jornada de construir um outro “mundo, donde quepan muchos mundos” e o compromisso do Zapatista é esse.

O coração, na forma do caracol, guarda as sendas que circulam entre o interior e o exterior. Guarda a memória, fonte da dignidade rebelde e espaço fundamental para encontrar os sonhos. É aprendendo a escutar os corações dos outros que se aprende sobre si. Aprendendo a escutar o ruído, mas também o silêncio que guardamos dentro, é que se pode encontrar ou reencontrar os caminhos. Aprendendo a olhar de múltiplas formas, é possível imaginar um mundo que comporte as várias diferenças. Aprendendo a olhar a si mesmo, vendo a força do coração e a dignidade da memória, é possível lançar um olhar lúcido sobre o mundo, ao mesmo tempo destemido e consciente de seu lugar e valor. (MINEIRO, 2021, 479)

Apesar de que em muitas perspectivas o movimento zapatista seja constituído por lutas de identificação, não é somente isso.

A sua luta por autonomia não é apenas uma luta pelo reconhecimento de uma identidade étnica ou valorização de suas tradições maias. Trata-se também de um movimento de resistência à ameaça, à agressão e à deteriorização que representa a globalização capitalista neoliberal. Esta forma de expansão capitalista é uma ameaça ao modo de vida dos povos indígenas em geral e os têm levado, de uma maneira objetiva, a resistir; ao resistirem a essa força, os próprios povos indígenas se convertem em forças antissistêmicas, em forças anticapitalistas. (RESENDE; CATARINA; CASTILHO, 2018, p. 369)

Eles buscam no próprio processo de identificação a sua superação, sempre convidando e considerando a população civil não zapatista, e os incitando a se rebelarem e se posicionarem de maneira crítica, pois a exploração não acontece apenas em seus territórios, mas é algo comum ao capitalismo.

Parece-nos que uma das grandes forças do zapatismo reside precisamente no fato deles conseguirem compreender como seus interesses não são distintos dos interesses e aspirações de todos os que sofrem a exploração e opressão generalizada desse sistema e, portanto, o problema não se encontra apenas – ele também se encontra, mas não tão somente – no estatuto dos indígenas no capitalismo, mas no próprio capitalismo, que é criticado hoje pelo indígenas. (HILSENBECK FILHO, 2008, p. 114)

As demandas zapatistas, têm caráter global e anti sistêmico, a modificação de uma sociedade tem que olhar para todos os aspectos da vida social e fazer críticas radicais às estruturas existentes. E o enfrentamento tem de se posicionar no plano da totalidade. Incluindo questões de identidade.

Não se pode combater o capitalismo apenas de modo aparente, em pequenos aspectos que podem ser facilmente re-assimilados, pois assim, se recolocaria a força da lógica sistêmica e totalizadora do capital, reproduzindo a submissão a um sistema produtor de exploração e desigualdades. A modificação da sociedade tem que englobar todos os aspectos da reconstrução da vida social através da crítica radical a tudo o que fundamenta essa sociedade (como o mundo da reificação, da

ideologia, do Estado e suas cisões, do trabalhador-mercadoria, da hierarquia e burocracia, da dicotomia público X privado, indivíduo X sociedade, a objetificação do sujeito, a sujeição aos objetos, o racismo, as questões de gênero, étnicas). (HILSENBECK FILHO, 2008, p. 15)

Na educação não é diferente, é preciso também nesse aspecto esse enfrentamento na totalidade, para que ela não reproduza a submissão a um sistema produtor de exploração e desigualdade. Os Zapatistas, representam um questionamento radical da política educacional do Estado ao mesmo tempo em que favorecem a emergência de estratégias educativas condizentes com as demandas indígenas (RESENDE; CATARINA; CASTILHO, 2018)

A educação que visa se contrapor a educação estatal e formal do México, precisa não ter pressupostos centralizadores e incentivar às pessoas das plurais comunidades que tomem as escolhas sobre seus processos educativos. Na região em que o EZLN atua há, pelo menos, seis etnias indígenas, com idiomas, cosmologias e modos de vida próprios. Divididos em zonas, cada uma delas não compreende uma separação por etnia, mas, ao contrário, a relação entre diferentes povos, sempre buscando a mediação política pela via dialógica (IBARGÜEN; GUIMARÃES, 2022). O que permite que essas comunidades troquem e existam em suas multi pluralidades é o horizonte comum zapatista de um outro mundo possível, onde caibam todos os mundos, e de um mundo onde caminhar perguntando garante que as estruturas e pensamentos sempre poderão ser questionados e modificados a partir da leitura da vida dessas pessoas e seu aparato conceitual e ideológico. Pessoas que se dedicam a não estarem alienadas do processo político e de organização da vida pois estas dependem delas. E que assim responsabilizam a si próprias e ao seu entorno, pois sabem que a autonomia não pode ser construída sozinha, não deve ser centralizada para se realizar em sua totalidade.

A dignidade humana não é senão un mundo donde quepan outros mundos porque a língua tojolabal nem sequer possui outros, não há a quem incluir, e só a conclusão decolonial de encontro de mundos é que poderia permitir um processo efetivo de autonomia, onde mandar obedecendo seria um processo mais que individual, e sim coletivo. (IBARGÜEN; GUIMARÃES, 2022, p. 4)

Mandar obedecendo, é um princípio que reflete a ideia de subordinação à vontade popular. Aqueles que têm delegações devem lembrar que são subordinados à vontade popular, que seu papel é ser expressão dessa vontade e não mais do que isso. Não é um programa imposto de cima, mas sim criado pela vontade e experiência popular com as condições e elementos próprios de cada lugar, ouvindo o que os que te delegaram poder tem a dizer e agindo a partir, e apenas, da vontade popular de quem está lidando com a prática dessas escolhas. No caso da educação, essa ideia também é colocada, e sua prática se dá na participação e composição da construção do projeto pedagógico ser plural e abarcar todas as pessoas envolvidas, e até

A ideia mesma de professor, figura central de uma escola ocidentalizada, é substituída pela figura do promotor de educação. Como apontam estudos etnográficos já compartilhados (Narváez, 2006; Baronnet, 2015; Morel, 2018), a prática escolar difere de uma crítica da escola ocidentalizada. Ao referendar que o espaço escolar é efetivamente compartilhado pluridiversamente com o promotor de educação e estudantes expressa-se nitidamente a horizontalidade nas relações de educação em outros termos: o promotor de educação e os estudantes são companheiros de luta, há uma ruptura com a ideia de liderança, presente em todos os outros âmbitos do movimento zapatista e que, na prática, se desdobra no cotidiano da escola. (IBARGÜEN; GUIMARÃES, 2022, p. 6)

Portanto, a vivência buscada pelo promotor de educação seria a de ensinar aprendendo. E a participação da comunidade e de seus estudantes como protagonistas dos processos educativos garantem isso, e garantem que recebam a educação necessária para a melhoria efetiva de suas vidas, não pela ascensão social, mas sim pelo cumprimento de seus direitos, livre expressão de sua cultura e espaço para construção de perspectivas e estratégias referentes aos problemas e dificuldades que enfrentam.

É a partir dessas relações e outras que foram desenvolvidas neste trabalho entre os princípios e histórico zapatista e sua prática educacional, que na verdade, chego à conclusão de que são completamente associadas, e a dificuldade seria dissociar uma coisa da outra. São construídas essas formas educacionais com a ideia de que elas estejam em relação com todo o resto. Em busca de uma educação verdadeira.

O cuidado, na educação verdadeira zapatista, é cuidado de si (Foucault, 1985), pois reconhece a autonomia no compromisso ético-estético-político da coletividade, que é pluridiversa. As distintas camadas que atravessam o modo de fazer a educação zapatista encontramos nas declarações e discursos políticos do movimento, na legitimação das políticas educacionais por meio das assembleias comunitárias e na participação política em todos os âmbitos, como zapatistas que se entendem parte do território e na vivência cotidiana da escola e seus promotores de educação. Estas camadas refletem uma prática de cuidado que ultrapassa a emancipação política, dentro de uma lógica colonial de direitos humanos (Muñoz, 2016), já que compreendem a educação no âmbito de um outro mundo possível, numa ruptura efetiva, percebida ao longo da história do movimento, como necessária (IBARGÜEN; GUIMARÃES, 2022, p. 9)

A educação verdadeira, é a educação de um povo, de um lugar, seria a dinâmica de aprender com o todo. A ideia da educação de preparar-se para viver no mundo, não para conseguir um emprego melhor, mas sim para viver no mundo. E no caso dos zapatistas esse mundo é um mundo que está sempre em luta, em coletivo, em conflito, mas também em movimento e em busca de mostrar a possibilidade de uma vida mais vida.

O Movimento Zapatista e o EZLN continuam sua ação e nesse momento ainda estão colocando em prática esses princípios e construindo eles próprios sua autonomia e outras formas de viver. Em comunicados e literatura recente do movimento eles associam o capitalismo com a figura da Hidra, da mitologia grega.

A mitologia grega nos conta sobre a Hidra de Lerna, um venenoso monstro habitante de um pântano que com seu corpo de dragão e suas várias cabeças,

matava os homens apenas com seu hálito e o rastro que deixava, provocando uma morte terrivelmente atormentada. A Hidra tinha um poder de regenerar-se quase de imediato quando atacada, o que fazia de sua morte um evento quase inacreditável. (...) 1 . É através da 'Teoria da Hidra' que os, as e oas zapatistas explicam sua relação com o sistema capitalista. Uma tormenta plantada, fruto dos processos de colonização durante séculos de exploração dos povos originários e que atualmente é mantida, não apenas pelo governo mexicano, mas em todos os cinco continentes. (MUNIZ, 2022, p. 390)

A fim de impedir um planeticídio, causado por esse sistema monstruoso, os zapatistas reafirmam a necessidade de não lutarem sozinhos contra esse sistema que age a nível global, mas sim de contarem com a ajuda e suporte de outros movimentos acontecendo, oferecendo também ajuda e suporte. E com a palavra munida de uma experiência real (MUNIZ, 2022), os zapatistas constroem o início de seu plano de viajar por todos os continentes do mundo, começando pelo que chamam de Terra Insubmissa, a Europa. A Gira Zapatista tem como objetivo denunciar o genocídio contra os povos originários, violências de gênero, o racismo, o militarismo, a exploração, a destruição da natureza e todas as formas de exploração e opressão que trazem o capitalismo. O *La Montaña*, barco que levou o Esquadrão 421 formado por quatro mulheres, dois homens e uma pessoa não-binária a concretizarem a Gira Zapatista. (MUNIZ, 2022) A partir dessa escolha e projeto que irá depois mostrar seus resultados, pois está ainda em processo o movimento mostra que tem o desejo de expandir seu território, mas não como os colonizadores, que se expandem conquistando, roubando e explorando e sim contra eles. Acreditando na construção de vínculos, na capacidade de se aprender a ouvir e a escutar, e encontrando nessas coisas a possibilidade da realização de outro mundo.

Ir de encontro ao continente europeu e chamá-lo de Terra Insubmissa, procurando reconhecer as especificidades, fragilidades e populações marginalizadas dos lugares que um dia saíram os navios da empresa colonizadora, configura um gesto que recupera um sentido de humanidade. (MUNIZ, 2022, p.400)

O SupGaleano, figura que surge depois da morte simbólica do Subcomandante Marcos, como reconfiguração deste papel de porta voz diz em comunicado recente, disponível no site Enlace Zapatista: "La lucha por la vida no es una obsesión en los pueblos originarios. Es más bien... una vocación... y colectiva". (GALEANO, 2020/Outubro) Se propõe a construir um outro tempo, para deixar de viver no tempo do dinheiro e do capitalismo. A comunicação do movimento zapatista, não se dá apenas em palavras, mas por meio também das suas maneiras de se relacionar e organizar. A experiência da autonomia zapatista prioriza a organização prática e verdadeira e não apenas discursiva. E essa organização, segue ainda viva, e pulsando ensinamentos, espaços de ruptura com a norma e traz consigo um exemplo de educação alinhada e participante da vida zapatista e seus princípios contra-poder ou antipoder que questionam as estruturas capitalistas e que adoecem o mundo. Uma educação que não visa a ascensão, a chegada ao poder, assim como o próprio movimento, visa sim, a subversão desses espaços e a busca pelo bem viver, ou em Tzotzil, o *lekil kuxlejal*, esse bem viver, pela perspectiva zapatista vem a partir do

reconhecimento da grandeza recíproca do outro e portanto de um espaço sem hierarquias e que busca a concretização de um outro modo de vida.

## Referências

- ARROYO, M. G. PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – O que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 28 – 49, Jan/Jun 2003.
- BARBOSA, L. P. Educação Rebelde e Autônoma na Práxis Revolucionária Zapatista. In: REBUÁ, P. S. E. (org.). **Educação e Filosofia da Práxis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016. cap. 6, p. 48 – 79.
- BOT, Y. L. **O sonho Zapatista**. Portugal: Asa, 1997.
- COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN. **Primera Declaración de La Selva Lacandona**. 1993. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/01/primera-declaracion-de-la-selva-lacandona/>. Acesso em: 08/08/2022.
- COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN. **Segunda Declaración de La Selva Lacandona**. Chiapas, México: [s.n.], 1994a. Site. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/06/10/segunda-declaracion-de-la-selva-lacandona/>. Acesso em: 10/08/2022.
- COMANDANCIA GENERAL DEL EZLN. **Sobre el EZLN y las condiciones para el diálogo**. 1994b. Site. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/06/sobre-el-ezln-y-las-condiciones-para-el-dialogo/>. Acesso em: 10/08/2022.
- EZLN ((EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL). **Crónicas intergalácticas. IN.:** Anales del 1er Encuentro Intercontinental por la Humanidad y en contra del Neoliberalismo. San Cristóbal de las Casas: [s.n.], 1996.
- GALEANO, S. **Quinta Parte: O OLHAR E A DISTÂNCIA DA PORTA**. 2020/Outubro. Site. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2020/10/09/ezln-quinta-parte-o-olhar-e-a-distancia-da-porta/>.
- GALLO, S. **Educação anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Unimep, 1995.
- GALLO, S. **PEDAGOGIA LIBERTÁRIA: PRINCÍPIOS POLÍTICO-FILOSÓFICOS**. Rio de Janeiro: Achieamé/Movimento, 1996.
- GENNARI, E. **EZLN: Passos de uma Rebelião**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 125 p.
- HILSENBECK FILHO, A. M. Por um mundo onde caibam muitos mundos: O zapatismo e as não-fronteiras da resistência e da esperança. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 19, p. 108 – 120, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/issue/view/1200>. Acesso em: 04/12/2022.
- IBARGÜEN, M. A.; GUIMARÃES, R. S. de. AUTONOMIA POLÍTICA COMO PRÁTICA DE CUIDADO: A GRAMÁTICA DA EDUCAÇÃO ZAPATISTA. **Psicologia em Estudo**, v. 27, Abril 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.58967>. Acesso em: 04/12/2022.
- ILLICH, I. **Sociedade sem Escolas**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 127 p.

MARCOS, S. A Décima Terceira Estela. **Pegada**, UNESP, São Paulo, v. 5, n. 1 e 2, p. 77 – 107, Novembro 2004. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1284>. Acesso em: 27/09/2022.

MARCOS, S. **Los Otros Cuentos**. Buenos Aires: Red, 2008. v. 1.

MARCOS, S. **Sexta Declaração de Selva Lacandona**. 2005. Site. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/sdsl-es/>. Acesso em: 27/09/2022.

MARCOS, S. I. **Sobre la Paz**. Chiapas, México: [s.n.], 1994. Site. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1994/01/13/sobre-la-paz/>. Acesso em: 10/08/2022.

MELO, A. de; RIBEIRO, D. O Movimento Zapatista e a construção de uma educação não eurocêntrica e decolonial. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 13, n. 29, p. 10 – 21, jan/abr 2021.

MINEIRO, I. B. Aprender a ver e a escutar para adivinhar outros mundos: pedagogia do sonho e autonomia do imaginário na literatura zapatista. **Contexto**, Vitória - ES, n. 40, p. 450 – 484, fevereiro 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/contexto/article/view/31852/24300>. Acesso em: 04/12/2022.

MOREL, A. P. Caminhar Perguntando: A Educação Autônoma Zapatista. **Revista Aleph**, Niterói, n. 31, p. 487 – 508, Dezembro 2018.

MUNIZ, J. E. O olhar e a distância da porta: palavras zapatistas dão os primeiros passos às terras insubmissas. **Revista Extraprensa**, v. 15, n. Especial, p. 387 – 404, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/194398>. Acesso em: 9 dez. 2022.

ORNELAS, R. A Autonomia como eixo da Resistência Zapatista – Do levante armado ao nascimento dos Caracoles. In: CECEÑA, A. E. (org.). **Hegemonias e Emancipações**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMIREZ, G. M. Con apoyo griego, nace en la selva escuela zapatista. **La Jornada**, Cidade do México, Agosto 2004. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2004/08/04/052n1con.php?printver=1&fly>. Acesso em: 04/12/2022.

RAMÍREZ, G. M. El sentido de unidad y lucha colectiva. **La Jornada**, La Realidad, Outubro 22/2007. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2007/10/22/oja126-jbgzaptistas.html>.

RESENDE, Z. de; CATARINA, A.; CASTILHO, M. Educação Rebelde E a construção Coletiva Da Autonomia Nas Escolas Zapatistas. **bya-Yala: Revista Sobre Acesso à Justiça E Direitos Nas Américas**, v. 2, n. 2, p. 352 – 371, Agosto 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/abya/article/view/14960>. Acesso em: 9 dez. 2022.

ROJAS, I. T. LA NUEVA EDUCACIÓN AUTÓNOMA ZAPATISTA FORMACIÓN DE UNA IDENTIDAD DIFERENTE EN LOS NIÑOS DE LAS COMUNIDADES AUTÓNOMAS ZAPATISTAS. **Revista Divergencia**, Revista Divergencia, Cidade do México, v. 1, n. 2, p. 135 – 160, Julho - Dezembro 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4245737>. Acesso em: 04/12/2022.

SANTOS, J. S. dos. **O movimento zapatista e a educação**: direitos humanos, igualdade e diferença. 2008. 135 p. Dissertação (Faculdade de Educação) — Universidade de São Paulo.

SILVEIRA, B. P. da. **EDUCAÇÃO ZAPATISTA COMO UTOPIA CONCRETA**. 2020. 231 p. Tese (Ciências Sociais) — Universidade Estadual Paulista (UNESP).

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. **Quinta Declaração de Selva Lacandona**. 1998. Site. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1998/07/17/v-declaracion-de-la-selva-lacandona/>. Acesso em: 27/09/2022.

ZVALETA, F. R. A. *et al.* A proposta educativa nas comunidades zapatistas. **DESIDADES: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**, v. 4, n. 13, p. 9 – 19, Dezembro 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5841202>.